



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
Instituto de Artes – Ida
Departamento de Artes Visuais

LANNA ARIEL MARTINS PIMENTA

**PINTANDO AS TRAJETÓRIAS DE VIDA DE MULHERES
PERIFÉRICAS: AS FLORES DO PARANOÁ-DF**

BRASÍLIA
2018

LANNA ARIEL MARTINS PIMENTA

**PINTANDO AS TRAJETÓRIAS DE VIDA DE MULHERES
PERIFÉRICAS: AS FLORES DO PARANOÁ-DF**

Trabalho de Conclusão do Curso de Artes
Visuais, habilitação em licenciatura, do
Departamento de Artes Visuais do Instituto de
Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Rosana de Castro

BRASÍLIA
2018

À todas as mulheres periféricas, fortes influenciadoras em minha vida pessoal e na construção do meu eu-professor. Em especial à Leona Raio Laser, por me inspirar a aproveitar a vida. À minha mãe Ana Claudia, à minha avó Doracy e a minha irmã Amanda, exemplos de conquistas como frutos de seus esforços, que me tornam uma mulher melhor todos os dias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os envolvidos na construção deste Trabalho de Conclusão de Curso.

À minha mãe por me mostrar os valores da aprendizagem, da preocupação e dos cuidados que devemos ter com o próximo.

À minha irmã Amanda Sany por sempre me apoiar e me incentivar nas minhas escolhas. E pela transcrição das informações obtidas junto a roda de conversa.

Ao meu pai Luiz por ter me escolhido para ser sua filha e cuidar de mim.

Ao meu irmão João Pedro pelo carinho e aconchego.

Ao Hyago, meu melhor amigo, pelo amor e paciência.

À minha avó Doracy por me ensinar a amar o próximo

À Profa. Dra. Rosana de Castro pela orientação, paciência e afeto.

A todos os professores que tive ao longo da vida escolar e universitária.

A Universidade de Brasília pelas experiências, amigos e principalmente por me possibilitar o encontro com a arte

À Leona por me ensinar cada dia um pouco mais, pela paciência com minhas loucuras e por nosso amor recíproco e incondicional. Esta também é uma vitória sua, eu não cheguei até aqui sozinha. Te amo.

“A arte é o homem acrescentado à natureza, é o homem acrescentado à realidade, à verdade, mas com um significado, com uma concepção, comum caráter, que o artista ressalta, e aos quais dá expressão, resgata, distingue, liberta e ilumina”.

Vicent Van Gogh

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) busca explorar as experiências da identidade da mulher periférica residente no Paranoá e a presença da arte em sua trajetória de vida. A discussão está situada no que se denomina de construção social e cultural da educação para mulheres em situação de vulnerabilidade social, ressaltando-se a perspectiva da mulher periférica (D'ANDREA 2013). A partir da análise dos contextos de autorreconhecimento dessas mulheres, neste TCC, discutimos os direitos à educação (ARROYO 2017), o impacto da segregação causada pelo capital cultural (BOURDIEU 1998) na construção da identidade cultural (HALL 2000) de tais mulheres, ao longo de suas vidas. Este TCC propõe debater também sobre a trajetória de vida das mulheres periféricas do Paranoá por meio da oralidade e da pintura. Compreendendo como a utilização de tais mecanismos podem auxiliar na expressividade, criatividade e imaginação delas, levando em consideração os seus contextos históricos, bem como, as suas origens familiares, e as suas inserções na sociedade e no cotidiano. Defendemos que as aulas de artes visuais devem, entre outras funções, explorar e realçar o lado imaginativo (BARBOSA 1991) e criativo (OSTROWER 1987) das alunas frequentadoras do Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Mulheres que não tiveram consolidada a garantia de seu direito à educação em idade escolar. Sendo assim, função do professor atentar-se às necessidades culturais e identitárias das alunas em questão, em processos de ensino e aprendizagem promovidos pelas práticas dos docentes. Com este TCC foi possível compreender a história do Paranoá a fim de reconhecer também a identidade das participantes. A experiência serviu como primeiro contato prático no universo das artes visuais para as participantes e foi possível conhecer a história dessas mulheres por meio de seus relatos em uma Roda de Conversa.

Palavras-chave: Artes Visuais. Mulher Periférica. Pintura. Ensino e Aprendizagem.

ABSTRACT

This Final Degree Project (TCC) seeks to explore the peripheral woman identity experiences, with the women who residing Paranoá and the presence of art in her life trajectory. The discussion is situated in what is called the social and cultural construction of education for women in situations of social vulnerability, highlighting the perspective of the peripheral woman (D'ANDREA 2013). From the analysis of the contexts of self-recognition of these women, in this thesis, we discuss the rights to education (ARROYO 2017), the impact of segregation caused by cultural capital (BOURDIEU 1998) on the construction of cultural identity their lives. This thesis proposes to discuss also the life trajectory of the peripheral women of Paranoá through orality and painting. Understanding how the use of such mechanisms can help their expressiveness, creativity and imagination, taking into account their historical contexts, as well as their family origins, and their insertions in society and daily life. We defend that visual arts classes should, among other things, explore and highlight the imaginative (BARBOSA 1991) and creative (OSTROWER 1987) side of students attending Youth and Adult Education (EJA). Women who have not been consolidated guarantee their right to education at school age. Therefore, the teacher's role is to attend to the cultural and identity needs of the students in question, in teaching and learning processes promoted by teachers' practices. With this project it was possible to understand the history of Paranoá in order to also recognize the identity of the participants. The experience served as the first practical contact in the universe of visual arts for the participants and it was possible to know the history of these women through their reports in a Conversation Group.

Keywords: Visual Arts. Peripheral Woman. Painting. Teaching and learning.

LISTA DE SIGLAS

CEDEP – Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá

DF – Distrito Federal

EJA – Educação de Jovens e Adultos

GENPEX – Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico Culturais

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PROUNI – Programa Universidade para Todos

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TUCA – Turma Unida Comunicando Amor

UnB – Universidade de Brasília

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Área externa do CEDEP	22
Figura 2 – Sala preparada para oficina	41
Figura 3 – Participantes pintando	42
Figura 4 – Participantes pintando	42
Figura 5 – Pintura realizada na Oficina.....	42
Figura 6 – Pintura realizada na Oficina.....	42
Figura 7 – Pintura realizada na Oficina.....	42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Taxa de analfabetismo das mulheres no Brasil.....	23
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
MEMORIAL	14
CAPÍTULO 01	18
1. UMA HISTÓRIA: BARRAGEM E BARREIRAS	19
1.1 CEDEP – um centro de conquistas e consolidação do EJA.....	21
1.2 A promoção da EJA no CEDEP	23
1.3 EJA: o papel da educação dos jovens e adultos.....	24
CAPÍTULO 02	27
2. TRAJETÓRIA DE VIDA DE MULHERES PERIFÉRICAS.....	28
2.1 A arte e a pintura como linguagem de expressão	30
CAPÍTULO 03	34
3. EM DIÁLOGO COM AS FLORES DO PARANOÁ.....	35
3.1 Participantes	35
3.2 Estratégias.....	36
Estratégia 1 - Oficina de Pintura.....	36
Estratégia 2 - Roda de Conversa.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
ANEXO I.....	49
ANEXO II	67
REFERÊNCIAS	68

INTRODUÇÃO

O tema deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi escolhido desde as minhas reflexões sobre os inúmeros acontecimentos ocorridos na trajetória que trilhei pela Licenciatura em Artes Visuais na Universidade de Brasília (UnB). Dentre eles, me perguntei quais poderiam ter sido relevantes e implicados diretamente com os benefícios que o mergulho nos estudos na arte me proporcionou. Desde as minhas reflexões, concluo que a trajetória a qual me refiro resultou tanto em subsídios para a superação de barreiras emocionais, quanto para o meu desenvolvimento expressivo, cognitivo e psicomotor, que se deu no decorrer dos anos de convivência no ambiente universitário.

Frente ao exposto, pondero que este TCC aponta, em específico, para o meu processo particular que culminou na busca pela ruptura de barreiras inerentes do capital cultural¹ (BOURDIEU 1998) presente em nossa sociedade. E cujo foco volta-se para a arguição sobre quais poderiam ser as minhas contribuições, na condição de licenciada em artes visuais, para possíveis incrementos à trajetória de vida das mulheres periféricas².

A ênfase na relação entre o ensino e a aprendizagem na arte e a trajetória de vida das mulheres periféricas sustenta-se sobre resultados de pesquisas que sinalizam para os benefícios da arte no processo de desenvolvimento expressivo (BARBOSA, 1991). Junto aos resultados das pesquisas, coloco também as minhas experiências de vida transpassadas pela arte, desde as quais pude perceber a potência da arte, para nos fazer refletir sobre as nossas ações e os nossos comportamentos, a partir de quando nascemos, passando pela infância, pela juventude e pela fase adulta, até a nossa finitude. Neste sentido, podemos dizer que a arte se faz presente em nossa trajetória ao longo da vida.

Sob essa perspectiva, no TCC discutiremos acerca da necessidade da arte ao longo da nossa existência, ressaltando as contribuições das manifestações e das relações com os objetos de arte para o desenvolvimento criativo, expressivo e imaginativo das mulheres periféricas, inclusive sobre de que maneira fatores econômicos e sociais implicam na trajetória de vida delas; entendemos que a arte pode contribuir, de algum modo, na busca por respostas.

¹ O Capital Cultural é uma metáfora, criada por Bourdieu (BOURDIEU 1998), para explicar como a cultura em uma sociedade dividida em classes se torna uma moeda, utilizada pelas classes dominantes para acentuar as diferenças sobre as classes dominadas.

² Mulheres residentes nas margens dos centros urbanos, segregadas culturalmente (D'ANDREA 2013) e em situações de vulnerabilidade social.

Para empreender a discussão supracitada, optamos por perspectiva sociológica para explicar sobre as questões que serão sinalizadas no âmbito das desigualdades sociais. Nessa discussão, o conceito de capital cultural serviu para sustentar o argumento de que essa ideia de existência de um capital cultural pode estar entre os causadores do distanciamento entre as mulheres periféricas, participantes da pesquisa apresentada neste TCC, e a arte. É possível, ainda, que ele também colabore com a ausência de identificação das mulheres periféricas com ambientes culturais como museus, galerias de arte e peças de teatro.

Para me aproximar das mulheres participantes do estudo, e compreender sobre a relevância da arte em suas vidas, optei pelo uso da pintura como estratégia tanto para a expressão de sentimentos particulares dessas mulheres, quanto para identificar as suas relações com os ambientes culturais institucionalizados (museus, galerias, entre outros). Neste sentido, realizei oficinas de pintura em espaço social destinado ao aprendizado escolar, entre outras atividades que são ofertadas pelo Centro de Desenvolvimento e Cultura do Paranoá - CEDEP.

Este TCC foi dividido em capítulos para apresentação dos fundamentos teórico-epistemológicos e conceituais, bem como dos resultados que envolveram identificar e discutir sobre o papel da arte na constituição das ideias, comportamentos e modos de agir das mulheres periféricas, desde a suas participações em oficina de pintura realizada como parte do presente estudo. No primeiro capítulo, será anunciada a história do Paranoá, a criação do CEDEP, a situação educacional das mulheres analfabetas no Brasil e importância da educação de jovens e adultos. O segundo capítulo aborda a importância da pintura como linguagem de expressão, com ênfase no incentivo à criatividade e à imaginação, focada na situação da periferia e da mulher que ali reside. Na sequência, o terceiro capítulo apresenta a conceitualização da identidade cultural e a intervenção realizada, pela autora, em sala de aula no CEDEP. Por fim, estão anunciadas as considerações finais e as referências bibliográficas.

A expectativa é que os resultados aqui apresentados possam servir de auxílio para futuras ações envolvendo as mulheres periféricas, que se encontram em situações de vulnerabilidade e invisibilidade sociais, para que elas se sintam capazes e motivadas a levar a prática artística para dentro das suas rotinas.

MEMORIAL

Ao retomar as minhas lembranças percebo que, possivelmente, alguém que influenciou a minha constituição como mulher foi minha avó com a sua força. Em 1993, a minha avó Doracy das Dores de Souza resolveu vender tudo o que tinha conquistado na cidade de Anápolis, Goiás; para comprar lote com barraco de madeira ao fundo, numa, ainda precária, cidade satélite de Brasília: o Paranoá.

Ainda revisando as minhas memórias, hoje compreendo que um outro marco importante para a minha autoafirmação como mulher periférica, foi o deslocamento diário entre o Paranoá, cidade satélite em que vivia; para o Plano Piloto, aonde eu estudei na minha infância.

Quando eu era criança, já existiam escolas no Paranoá. Mas, a minha mãe, que sempre incentivou a educação para mim e para meus irmãos, usou como uma das suas estratégias, conseguir vagas em escolas da região administrativa do Plano Piloto, por ter melhor estrutura física e mais investimentos do governo, em comparação com as escolas das cidades satélites, era isso que ela pensava. A minha mãe teve filhos quando ainda era muito jovem, e conseguiu se formar num curso superior apenas quando esses filhos já estavam maiores e mais independentes. Esse foi o momento no qual ela pôde se dedicar melhor ao curso de enfermagem. Relaciono-me com a escolha de minha mãe, pensando que, provavelmente, a motivação que tenho para cuidar do próximo, guarde algum aspecto derivado dessa escolha profissional dela.

O percurso entre a casa onde eu morava no Paranoá e a escola, sempre no Plano Piloto, era longo. Iniciava todos os dias com mamãe me arrumando, enquanto eu ainda estava sonolenta. Os dias escuros, e frios em determinadas épocas do ano, testemunhavam eu, minha irmã e a minha mãe caminhando até o ponto de ônibus para pegar o transporte escolar.

Certa vez, ao conversar com colegas de turma sobre onde cada um de nós morava, eu percebi que alguns alunos também vinham para escola desde lugares distantes. Também, me chamou a atenção, uma aluna que morava na superquadra, onde a escola estava localizada. Ela acordava 1 hora e meia, depois de mim! Por algum motivo, essa memória nunca permitiu que eu me esquecesse da sensação de injustiça que aquela situação me causava, por que alguns alunos podiam dormir mais, e eu não?

Por outro lado, penso que tive o privilégio de, mesmo morando em uma cidade satélite, estudar em uma escola pública para ensino fundamental. O nome da escola em que estudei era o mesmo da superquadra onde ela estava localizada: Escola Classe 316 Norte. A experiência nessa escola serviu como ferramenta para abrir-me os olhos à imensidão do mundo, e para conhecer pessoas com quem me relaciono e aprendo até hoje. Eu avalio que tenha sido

privilégio também por eu ter tido contato com a arte, que provavelmente eu não teria tido, devido ao meu núcleo familiar situado em cidade satélite com pouca vocação artístico cultural e à minha condição financeira.

Com o passar dos anos, eu me reconheci como a chata das escolas aonde eu estudava, porque sempre questionava e me posicionava criticamente e politicamente. Eu não conseguia compreender porque tantas regras existiam e eu me posicionava para buscar algum significado e alguma razão para cada uma dessas regras. Porém, eu nunca fui, de fato, levada a sério pelos adultos com os quais eu convivia na escola. Eu detestava o ambiente estudantil, desde o ensino fundamental ao ensino médio. A impressão que eu tinha era que a sua organização era falida e os seus valores, em específico, o das escolas particulares nas quais também estudei, pareciam contraditórios. Entretanto, alguns poucos professores que lecionavam de forma menos tradicionalista, demonstravam se preocupar com a forma de ensinar e acabaram por me fazerem refletir. Me falta a memória, não lembro dos seus nomes, mas foram esses professores comprometidos, que me inspiraram a enxergar a própria profissão com olhos mais amigáveis, sinalizando para a possibilidade de mudanças na estrutura educacional do Brasil.

Ao concluir o ensino médio, eu almejava ingressar na Universidade de Brasília. Ainda não tinha total convicção se a opção seria pelas artes visuais ou pelas artes cênicas, mas acabei tendo um lado visual mais afluente e não tive saída, a única opção de curso superior a seguir era a das Artes Visuais, licenciatura. Nunca cogitei a opção do mesmo curso pela habilitação de bacharelado, pois não via sentido em não ter subsídios acadêmicos para poder compartilhar meu conhecimento da maneira mais didática possível com outras pessoas. Hoje, compreendo que, nós, arte educadores, temos o privilégio de trabalhar com arte dentro das escolas. Isto nos dá um amplo leque de formas de fazer a diferença na vida dos alunos, pois temos a possibilidade de fazê-los seres com pensamento crítico, expressivo e criativo.

A minha trajetória pelo curso de Licenciatura em Artes Visuais foi intensa, demorei um ano e meio, após o término do ensino médio, para ingressar na UnB. E isso só foi possível graças a minha mãe e ao meu pai. Ela, em especial, fez tudo que podia para manter-me perseverante e continuar estudando. Minha mãe sempre me dizia que o conhecimento é a única coisa que ninguém nunca poderia tirar de mim, e que era a única coisa realmente valiosa que ela poderia me deixar de herança. Eu acredito que, todo o empenho da minha mãe deu certo. Hoje eu faço das suas palavras as minhas, ela é a minha maior fonte de inspiração.

Na graduação em Licenciatura em Artes Visuais na UnB, sempre me mantive introvertida, observadora. Por consequência dessas atitudes, tive muitos problemas em me

adaptar às imposições e a tudo que ferisse meu direito de refletir sobre as coisas. Neste sentido, me mantive sempre questionadora, tal qual eu era nas escolas onde estudei.

Desde essas memórias da minha avó e da minha mãe, importantes referências na minha constituição como mulher, passo a perceber-me também como professora, que deseja retornar ao seu lugar de origem para compartilhar aquilo que descobriu, estudou e aprendeu, com as outras mulheres que moram no lugar de onde vim. Sob essa perspectiva, a proposta para a pesquisa que resultou neste TCC teve como foco atuar por meio da arte, junto as mulheres residentes no Paranoá. Quis saber sobre as suas trajetórias particulares, buscando investigar se, de alguma maneira, a arte teve algum papel em suas vidas, semelhante ao que teve na minha.

Sobre o papel da arte em minha vida, lembro-me que, aos sete anos de idade me apaixonei pela arte. Na escola, nós éramos incentivados a pintar releituras das obras dos artistas, entre os quais, as de Van Gogh. A professora nos dava cartolinas e tinta guache. Com esse material, além das releituras, ela nos incentivava a desenhar árvores ao ar livre, observando o balanço dos galhos movidos pelo vento. Eu gostava muito dessas aulas, e ia me destacando entre os meus colegas de sala de aula, entre outros motivos, pela paciência que eu tinha para executar as práticas artísticas.

O meu envolvimento com as pinturas e os desenhos também era incentivado por familiares que me presenteavam, em meus aniversários, com materiais para as artes. Por eu ser introvertida, acredito que a arte auxiliou no desenvolvimento da minha expressividade, favorecendo-me uma espécie de válvula de escape em meio a problemas de relacionamento com as pessoas e a falta de autoestima.

Durante meu percurso na Licenciatura em Artes Visuais, tive muitas incertezas a respeito da arte educação. Não me sentia motivada e nem capaz de entrar em uma sala de aula. Talvez pelo déficit na grade de matérias que segui, ou por não me sentir preparada para tamanha responsabilidade. Com o passar do tempo, frequentando algumas matérias endereçadas à psicologia da educação e estudando Paulo Freire e Lev Vygotsky, percebi que os professores em formação podem aprender e ter acesso aos subsídios de conhecimentos importantes para fazer a diferença nas escolas. Ter acesso a esse tipo de conhecimento, para mim, foi revigorante.

Hoje, após ter tido oportunidade de entrar em sala de aula, em turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), me sinto cada vez mais capaz e motivada a contribuir, por meio da arte, com a vida dos meus futuros alunos. A EJA foi uma descoberta significativa que o curso de licenciatura na UnB me proporcionou e fundamentou tal significação nas palavras de Arroyo (2017):

destacamos que a tarefa prévia para a repolitização da EJA será, em dias de estudo, desconstruir representações desfocadas que pesam sobre os jovens-adultos e sobre sua educação. Mas por onde avançar além dessas representações que enfatizam as carências de leitura, de cultura, de pensamento a serem supridas na volta a escola? Destacamos a necessidade de reconhecer como ponto de referência os próprios jovens-adultos como membros de coletivos sociais, raciais, de gênero, classe... Reconhecê-los sujeitos de direitos. (p.43)

Essa perspectiva do autor me ajuda a enxergar a arte favorecendo movimentos críticos e reflexivos para os adultos, tornando a mencionada repolitização mais acessível por meio do diálogo claro sobre o direito desses sujeitos em situação de educação em idade avançada. Entender as individualidades e as sensibilidades dos alunos da EJA me motivou a construir esse TCC, em busca de (re)inserir a arte, por meio da pintura, na vida de mulheres em situação de vulnerabilidade social, para que elas tenham a possibilidade de se expressar e de se reconhecer como cidadãs com direitos, entre outros, à expressão e à criatividade.

CAPÍTULO 01

Eles dormem, eu faço planos
Sempre alerta, sem panos, sem máscaras
Pego a coragem, juntas vamos
Sigo a viagem
Cada passagem faz história
Alcanço altos níveis
Pode me chamar de glória
Eu fiz da dor combustível pra minha volta
Sem meia volta, coração enche, mas não lota
Se te incomoda, me olha torto
Mais inteira permaneço, ó
Pega sua cota que o que eu quero não tem preço, tó!
Nunca fui de ter dó, sempre me curei só
Perdi as contas de quantas venci com meu suor
Pago minhas conta, ando pronta pro melhor, sempre
Rego minhas planta, levo vida onde vou, ventre
Sai de lá pra vir pra cá sem saber nada
Aprendi a nadar pra não me afogar nas mágoas
Cê consegue entender, faço da gota, rio
Chego e faço chover, meu copo não é vazio
Cheguei ficar confusa
Mas o amor me salvou rápido
Frieza me fez cacto, mantive o foco intacto [...]

Drik Barbosa

1. UMA HISTÓRIA: BARRAGEM E BARREIRAS

A presença do Paranoá na trajetória da minha vida me faz querer aproximar o leitor da história daquela cidade. E é por essa história que vamos iniciar. A ideia também é relacionar a realidade enfrentada pelos primeiros habitantes da cidade e a resistência deles, enquanto grupos articulados e organizados, que lutavam pela fixação da cidade em construção. Esses grupos, em certa medida, também contribuíram com a criação do Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá (CEDEP).

Em um segundo momento, neste capítulo, será apresentada, de modo breve, a realidade educacional das mulheres brasileiras em situação de vulnerabilidade, desde a qual ressaltamos a importância da EJA na vida das mulheres periféricas, que também tem direito de acesso à educação.

A aposta oportuna mobilizou brasileiros de todos os estados a se deslocarem até Brasília, apelidada de Capital da Esperança. Inúmeros imigrantes motivados pelos sonhos de conquistarem melhores condições de saúde, transporte, educação, infraestrutura e trabalho, acreditaram no projeto de governo de Juscelino Kubitschek “50 anos em 5”, que concretizaria, no Planalto Central, a nova capital brasileira inaugurada, em 1960.

Entretanto, segundo Jesus (2007), na prática, o ideal de esperança e de melhoria resultou em desencanto. Ao descerem dos ônibus na rodoviária e se deslocarem para a Vila Paranoá, os operários já avistavam o imenso abismo entre a utópica realidade pautada em fantasias e em sonhos; e a realidade a qual eles teriam de enfrentar. Em meados de 1956, pode ser fixado o marco temporal histórico da origem da Vila Paranoá. Nessa época, foi iniciada a construção da barragem do Paranoá.

A história do processo de fixação habitacional na Vila Paranoá é pouco conhecida, conforme explica Jesus (2007), e foi iniciada antes mesmo da construção da barragem. Na época, a Vila era chamada de Fazenda Paranoá, situada às margens do Rio Paranoá. Mas, as condições de moradia e de vida na fazenda eram escassas e os operários viviam em barracos de madeira sem banheiro e/ou ventilação.

Os engenheiros e os funcionários ocupantes dos altos cargos das empreiteiras também habitavam em barracos de madeira, que, por sua vez, eram chamados de casas, porque embora também tivessem sido confeccionados com mesmo material bruto, eram mais elaborados, maiores e confortáveis. Neste sentido, para Jesus (2007), a hierarquização dos cargos era replicada na moradia endereçadas aos engenheiros, altos funcionários e operários. Os barracos e casas constituíam acampamento próximo a barragem do Paranoá sustentado pelas

empreiteiras, que eram responsáveis por aproximadamente sete mil trabalhadores, que permaneceram acampados até o final da obra da barragem.

Após finalizada a construção da barragem, o acampamento foi desfeito e alguns operários não tinham para onde ir. Eles já haviam trazido seus familiares para a Brasília e precisaram buscar outras oportunidades de emprego. A necessidade de fixar moradia tanto daqueles remanescentes do acampamento, quanto daqueles que continuavam a chegar, motivou a construção de outro acampamento à beira do Lago Paranoá. A junção entre moradores já fixados no local e os novos habitantes contribuiu para a formação de vilarejo, que posteriormente se tornou a Vila Paranoá.

Sob a perspectiva de Jesus (2007) a localização geográfica da Vila Paranoá favoreceu o seu crescimento, que passava despercebido pelas autoridades ocupadas com a construção de Brasília. Quando foi notada, a vila foi contemplada com a construção da capela em homenagem a São Geraldo e com uma escola pública. Na capela, os moradores começaram a se organizar com o auxílio do Padre José Gálea, que promovia reuniões e encontros entre os membros da comunidade. Neste sentido, a Capela de São Geraldo tornou-se um ponto de encontro, orações e festejos da comunidade.

Entre os resultados dessa agregação comunitária, ressaltamos a formação do grupo de jovens, que foi intitulado TUCA – Turma Unida Comunicando Amor. Nos relatos de Jesus (2007), o surgimento do TUCA mobilizou a comunidade para a criação do TUCA 2, que foi um grupo de jovens articulados para reivindicar os direitos políticos dos habitantes da Vila Paranoá, lutar por melhores condições de vida e acompanhar, de modo próximo, os problemas dos moradores

O movimento dos jovens integrantes do TUCA 2 envolvidos com a luta política e financeira, inclusive fora da Vila Paranoá, ganhou força, em paralelo ao crescimento populacional do lugar. Com este crescimento, também aumentaram os problemas de saúde, transporte e iluminação. Segundo Jesus (2007), o TUCA 2 ganhou o apoio do grupo Pró-Melhorias e juntos venceram as eleições da Associação de Moradores, em 1985, comprometidos com a intensificação da mobilização da comunidade e da organização na luta para a fixação institucional da Vila Paranoá.

Por outro lado, segundo Jesus (2007), o governo do Distrito Federal combatia o crescimento populacional na Vila Paranoá, com ação de derrubadas de barracos e discriminação da população, que resultaram na mobilização dos moradores para lutar por direitos de moradia. Entre as formas de resistência temos notícias de greve de fome em frente ao Palácio do Buriti, do movimento Barracaço, que promoveu a construção de mais de mil

barracos da noite para o dia, os quais foram derrubados por ordem do governo. Com o passar do tempo, todo esse cenário implicou problemas políticos e sociais entre os grupos TUCA 1, TUCA 2, Pró-Melhorias, Associação de Moradores e Prefeitura Comunitária, ocasionando desvinculações por parte de alguns grupos, e desunião nas lutas reivindicatórias em prol do Paranoá e da população que ali residia.

1.1 CEDEP – um centro de conquistas e consolidação do EJA

Em 1987, o grupo TUCA 2 desvincula-se da Associação de Moradores e inaugura o CEDEP, Centro de Desenvolvimento e Cultura do Paranoá. Jesus (2007) explica sobre a concepção da denominação do centro;

Por que CEDEP? O nome foi escolhido depois de muita conversa e avaliação. Fizemos até votação. É necessário expressar a amplitude de nossa proposta para a Vila Paranoá. Logo, Centro – um espaço físico, ideológico e político de discussão, Cultura – o contexto cultural, a história de vida e de constituição da Vila Paranoá que sofre influências das várias regiões do País. Desenvolvimento – o anseio de cada morador em educação, saúde, água, energia, esgoto, transporte, segurança, habitação, qualidade de vida, respeito e cidadania. (JESUS, 2007, p.36)

A criação do CEDEP favoreceu a oferta de atividades educacionais para crianças, oficinas recreativas, artes, festas e encontros. Maximizando o contato da comunidade atividades culturais, e lazer. O CEDEP também se tornou lugar para reuniões comunitárias endereçadas ao planejamento, questionamento e interlocuções com o governo que, teve nesse espaço, o lugar para dialogar e interagir com a comunidade da Vila Paranoá. Segundo Jesus (2007) “o CEDEP foi recebido, por aqueles que ainda acreditaram na luta como único instrumento a favor [da fixação da vila], com muita alegria e esperança.” (p.37).

Já naquela época, o CEDEP se articulava junto à equipe integrada por membros da UnB ligados às áreas de geologia, engenharia, direito, arquitetura e urbanismo, que contribuíram com subsídios e dados necessários para auxiliar no diálogo com o governo visando a fixação de moradias construídas na Vila Paranoá. Sob a perspectiva de Jesus (2007), quando o governador afirmava não poder, por exemplo, dar saneamento básico, eletricidade e água potável para todos os moradores da Vila, o CEDEP, com o apoio da UnB, promovia estudos técnicos afim de sinalizar as alternativas possíveis. Após uma longa trajetória de lutas, com o passar do tempo e conhecendo mais a situação da população, houve a necessidade de instalar equipamentos educacionais para os jovens e adultos na comunidade, fazendo nascer outra parceria com a UnB, desta vez, com a Faculdade de Educação.

No âmbito desse novo desafio de ofertar educação para os moradores, o CEDEP carecia de pessoas qualificadas para ensinar aos jovens e aos adultos que precisavam aprender a ler e a escrever. Para Jesus (2007) este cenário serviu para que o próprio curso de pedagogia da UnB fizesse a revisão do currículo no final da década de oitenta e ampliasse o foco da formação dos futuros pedagogos com relação à Educação de Jovens e Adultos.

Sob a coordenação da professora Marialice Pitaguary, as alunas Leila de Jesus, Maria de Fátima Oliveira, Maria de Lourdes Pereira dos Santos, Maria de Fátima Evangelista, Maria Aparecida, Maria Zilma e Maria Alves atuaram em salas de aula de alfabetização para adultos. Esse projeto consolidado no EJA, desdobrou-se em novas turmas na Capela São Geraldo. Tal experiência foi um marco para o curso de pedagogia da UnB, mas apenas após alguns anos, por intermédio do professor Hilário Reis, foi fundado o Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico Culturais que continua em atividade nos dias atuais.

O CEDEP, contemporaneamente, é um centro de acolhimento e lazer dos habitantes do Paranoá. As atividades promovidas nesse espaço cultural, educativo e de lazer proporcionam, além das aulas de alfabetização para adultos, encontros de jovens, aulas de costura e capoeira. Essas atividades não deixam de lado, ainda que isso ocorra de maneira subliminar, as lutas e a resistência cultural que permeia os shows, os saraus e os eventos de arte produzidos e realizados pelos moradores do Paranoá para a comunidade.



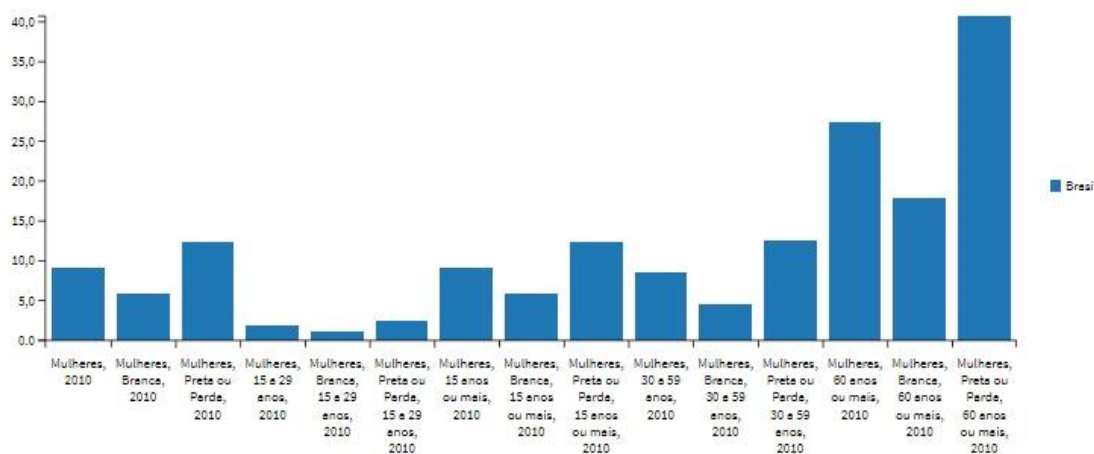
Figura 1 - Área externa do CEDEP

Fotografia: Leona Raio Laser

1.2 A promoção da EJA no CEDEP

Entre as inúmeras atividades promovidas pelo CEDEP, conforme descrito anteriormente, colocamos o foco para o desenvolvimento da pesquisa que originou este TCC, nas aulas de alfabetização para adultos, em específico, as mulheres participantes do nosso estudo. Segundo dados coletados pelo IBGE³ no que tange a taxa de analfabetismo das mulheres no Brasil, observamos que as mulheres negras e pardas aparecem em maior percentual do que as mulheres brancas (Tabela 1). Os dados do IBGE também sinalizam para maior percentual de analfabetismo entre as mulheres negras acima de 60 anos. Em proporção, podemos constatar que o CEDEP reproduz essa amostra (Tabela 1).

Tabela 1 - Taxa de analfabetismo das mulheres no Brasil



As altas taxas de analfabetismo no Brasil, por si só, obrigam-nos a voltar o foco para a questão da EJA e ressaltar que entre a população moradora das periferias está o maior número de analfabetos. Conforme sinalizado na seção anterior, a instauração de ações de alfabetização pela EJA resultou de luta empreendida pelos próprios moradores do Paranoá, segundo Reis (2011)

[...] nós tínhamos a clareza, a ideia de que se não conseguíssemos continuar com o povo mobilizado, discutindo e aprofundando essas questões, nós teríamos dificuldade com a questão da fixação do Paranoá. O gancho maior era conseguir também a fixação do Paranoá, mas com um povo que discutisse isso conscientemente. (p.32)

³ Disponível no site <<https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=2,-2,3,4,-3,40,39,41,8,128&ind=4693>> último acesso 22/10/2018.

Mais do que se alfabetizar, os adultos careciam de pensamento crítico para conseguirem forças para lutar de forma articulada, entendendo suas posições de sujeitos com direito à educação, saúde, ao transporte, bem como aos serviços básicos de água, luz e segurança, imprescindíveis para a urbanização adequada de qualquer cidade.

No bojo desses direitos e serviços básicos, a educação dos adultos foi um dos cerne para as conquistas que, segundo Jesus (2007), culminaram na fixação da Vila Paranoá e na aquisição, posterior, do *status* de cidade satélite Paranoá. Neste sentido, é importante compreender sobre a EJA para construir o cenário sobre o qual desdobramos o nosso estudo acerca da relevância da arte na trajetória de vida das mulheres, que atualmente frequentam o CEDEP do Paranoá. Esse é o tema da seção seguinte.

1.3 EJA: o papel da educação dos jovens e adultos

A conceituação da EJA é o nosso ponto de partida. A EJA é uma modalidade de ensino, voltada para a inserção de jovens e adultos nas escolas, constituída de uma grade curricular regular, visando atendimento para adolescentes que repetiram muitas séries ou abandonaram as escolas anteriormente e para adultos que por alguma razão não concluíram o ensino fundamental I e II e/ou ensino médio. A EJA está prevista pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 1996, no artigo 37, como “destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”.

Segundo Arroyo (2017), quando pensamos nos alunos da EJA, devemos nortear o pensamento para os sujeitos que detêm os direitos coletivos como qualquer outro cidadão brasileiro. Por outro lado, o olhar para esse aluno, não é um olhar isento das ideias de “os desistentes” e “os fracassados”. Arroyo (2017), fazendo referência à Santos (2013), ressalta a necessidade do educador se voltar para a educação coletiva e não individual.

[...] a tensão entre direitos individuais e direitos coletivos decorre da luta histórica dos grupos sociais que, por serem excluídos ou discriminados enquanto grupos, não podiam ser adequadamente protegidos por direitos humanos individuais. As lutas das mulheres, dos povos indígenas, dos povos afrodescendentes, dos grupos vitimados pelo racismo, dos gays e das lésbicas marcaram os últimos cinquenta anos do processo de reconhecimento dos direitos coletivos, um conhecimento sempre muito contestado e sempre em vias de ser revertido. (SANTOS,2013 p.62-63)

Considerando essa coletividade, que nem sempre consegue compreender a dimensão das suas próprias características, em geral, marcada pela discriminação, qual é, então, a imagem que os frequentadores da EJA têm de si? Segundo Arroyo (2017), “a consciência de seu lugar

social-espacial é forte em suas identidades de trabalhadores. Chegam às escolas públicas e à EJA desses percursos não só espaciais, mas humano-desumanos.” (p.37). O autor evidencia como os fatores sociais espaciais interferem no modo como os sujeitos constroem a própria imagem e internalizam o seu lugar no mundo. Por vezes, essa construção e internalização é limitada ao que está ao redor, como cita a condição de trabalhadores, sem que os sujeitos se deem conta dos coletivos e das classes sociais aos quais pertencem, de forma a serem vítimas de um segregado padrão cultural.

Este TCC busca a compreensão de como as mulheres periféricas frequentadoras do CEDEP se enxergam, no contexto em que vivem no Paranoá. Por meio da Oficina⁴ e da Roda de Conversa⁵, foi perceptível o fato das alunas se referirem ao passado com ênfase no sofrimento que vivenciaram e nas funções que desempenharam profissionalmente ao longo da vida, por terem sido privadas do direito a educação na infância e pela cultura submissa do papel da mulher na sociedade. Sob a perspectiva de Arroyo (2017), os alunos da EJA, por meio de seus professores, têm direito a saberem-se vítimas de padrões culturais segregadores,

Fazer uma análise desses valores [valores e culturas que operam como justificativa para segregar os alunos da EJA, como iletrados, sem capital social e cultural] e mostrar como são vítimas de padrões culturais hegemônicos únicos, universais, que não reconhecem outros valores e outras culturas como legítimas. Nem sequer como sujeitos de direito aos padrões culturais únicos, pensados como legítimas expressões da cultura. Lembremos que o campo da produção, da apropriação e do conhecimento sempre foi politicamente tenso na história. Foi e continua sendo um dos campos de legitimação de uns coletivos sociais, raciais e de uns povos como cultos, produtores, símbolos da cultura legítima, nobre e de legitimação da inferioridade – até humana – de outros coletivos, povos e raças como incultos ou atolados não em culturas, mas em credences, rituais e modos de ser produzir primitivos. As culturas escolares e pedagógicas que os reprovaram e segregaram participam desses padrões culturais, políticos, antiéticos, segregadores. (ARROYO, 2017 p. 161).

Seguindo a perspectiva do autor, entendemos que além do educador ter a função de auxiliar os sujeitos, para se sentirem pertencentes a grupos coletivos, também precisam promover ações de ensino e aprendizagem para que os estudantes da EJA se autorreconheçam como cidadãos políticos sociais e de direitos, incluindo rigorosamente o direito ao conhecimento por meio de diferentes linguagens culturais. Pois, para Arroyo (2017), a cultura e o conhecimento andam juntos, “o conhecimento é fruto da cultura. Uma das expressões de cultura” (p. 159). Logo, os professores da EJA não devem continuar reforçando os padrões culturais, políticos e antiéticos que segregam seus alunos.

⁴ Capítulo 03 deste TCC.

⁵ Entrevista com as participantes da Oficina - Anexo I deste TCC.

Esse é um dos motivos condutores deste TCC, abrir as portas de uma nova visão cultural para as mulheres periféricas alunas do CEDEP, por meio da conscientização da identidade cultural delas, materializada pela pintura como expressão artística, como forma de se autorreconhecerem explorando o passado artístico individual presente em cada um de nós.

CAPÍTULO 02

No entardecer da minha quebra
Eu e minha mente inquieta
Devaneios de uma poeta
Quem sua rima afeta?
O que ela desperta?
Quem sua flecha acerta?
Com quem que cê flerta?
Dança, dança
Há uma criança lá fora
Tudo ao mesmo tempo
Aqui e agora
E nós na de buscar a melhora
Pra além da minha vida e sua
Arte nossa cura
Pixada no muro
Vivida as escuras
Tempos ditadura [...]
Ninguém me tirou do rincha égua
Vim e vou pra lá com minha próprias pernas
Com rima que canta e encanta
Ni puta, ni santa
Respeita essa mama
No corre de descolar a janta
Justiça e liberdade o meu peito berra
Vivona e vivendo nos dias e noites de amor e guerra
Vivona e vivendo
Um salve pras mães maloqueiras de quebra
Que sobem ladeira todo dia com alegria
Que nada tire o nosso sorrir

Brisa Flow

2. TRAJETÓRIA DE VIDA DE MULHERES PERIFÉRICAS

A periferia pode ser entendida como a zona da cidade localizada no entorno do centro urbano, ela tem tomado significados que ultrapassam as barreiras geográficas, mas esbarram na linha abstrata delineada pelas diferenças culturais e sociais estabelecidas entre o centro urbano e a margem periférica.

O termo *periférico*, segundo D'Andrea (2003) tornou-se robusto pela consolidação do espaço de manifestação das culturas populares, fortalecidas pelos artistas da periferia;

de fato, a *preponderância* sobre a utilização do termo *periferia* começou a mudar de mãos quando uma série de artistas e produtores culturais oriundos dos bairros populares começou a pautar publicamente como esse fenômeno geográfico/social e subjetivo deveria ser narrado e abordado. Eram escritores, cineastas, artistas plásticos, músicos, cantores e compositores. Todos estes artistas foram rompendo o cerco da invisibilidade e colocando seus produtos culturais na cena artística paulistana e brasileira, propiciando assim uma maior circulação de suas ideias e de seu ponto de vista sobre o mundo. O cerne da *preponderância* do discurso deste movimento cultural foi, sem dúvida, o fato de falarem da *periferia* sendo *moradores da periferia*. O falar “de dentro” foi utilizado como recurso para relativizar outros postos de observação. (p.45-46)

Compreendendo a força cultural que o termo *periferia* assumiu, percebe-se o considerável crescimento no estudo das periferias urbanas para tratar das desigualdades sociais. Sob essa perspectiva, localizamos as discussões sobre trajetória de vida de mulheres em situação de vulnerabilidade social moradoras do Paranoá. Muitas são jovens, quase na fase adulta, que vivem em zonas muito distantes dos centros urbanos das grandes cidades onde nasceram, e em muitos casos, os núcleos familiares aos quais pertencem estão sob a sua responsabilidade ou sob a responsabilidade de outras mulheres da família.

Ao me deparar com as realidades das mulheres periféricas, lembro da minha infância, onde fui criada por muitos anos só pela minha mãe, uma vez que ela e meu pai se divorciaram assim que eu nasci. Meu pai nunca foi presente. Minha avó Doracy era a dona da casa onde morávamos, ela retrata o perfil de uma mulher forte e perseverante frente aos inúmeros obstáculos econômicos e sociais, os quais ela teve que enfrentar e superar. O perfil social da minha avó se assemelha com o perfil de muitas mulheres periféricas que tive o prazer de conhecer ao longo da minha vida. Ainda que ela não trabalhasse e tivesse a atenção laboral toda dedicada aos afazeres domésticos. Em 1993, ela vendeu sua casa em Anápolis-GO e comprou um lote no Paranoá. Meus avôs, pai e tios ergueram a casa do zero, pois quando ela comprou o terreno, só havia um barraco de madeira ao fundo.

Embora meu avô trabalhasse fora, era a minha avó quem administrava as contas da casa, quem fazia compras no mercado, e quem gerenciava e cuidava de todas as coisas relacionadas

aos afazeres domésticos. Dona Dora, carinhosamente chamada por nós, só pôde estudar até a quarta série e na época a minha mãe ainda não havia concluído o ensino médio.

Segundo Setubal (2017) a maior parte das mulheres da periferia se encontra em situação de desemprego ou em empregos sem carteira assinada e são donas de casa, muitas trabalham como domésticas ou diaristas, e outras conseguem empregos com salários medianos, como por exemplo, secretárias e atendentes. Essas mulheres, sofrem com a falta de lazer público nos bairros em que vivem e acabam realizando a maioria das atividades dentro do espaço doméstico, como reunir a família para o almoço.

Mulheres em situação de alta vulnerabilidade social que veem sua inserção na sociedade apenas por vias domésticas, acabam se submetendo aos maridos e parceiros. Isso também acaba gerando uma dependência emocional das mulheres com seus parceiros. São homens que têm uma vida fora do núcleo familiar, que buscam outros meios para ocuparem seu tempo e podem deixar de prestar mais atenção às necessidades de suas esposas. Isto faz com que tais mulheres não tenham opções e nem o apoio para voltarem a estudar ou trabalhar, situações ocasionadas também por ciúmes e negligência por parte dos parceiros.

Essa falta de perspectiva acaba gerando solidão, e crises de identidade, de acordo com Setubal (2017),

para essas cidadãs, narrar sobre a vida é falar do sofrimento que invade todo o ser, revelando a incapacidade de realizar um deslocamento da percepção e das emoções para uma potência de futuro. Ou seja, é um sofrimento que empobrece, afunila o campo das experiências e percepções, bloqueando a imaginação e a reflexão, o que as torna impotentes para a liberdade e a felicidade. (SETUBAL, 2017⁶)

A autora sinaliza para o nível de sofrimento das mulheres em situação de vulnerabilidade social, ressaltando como as situações as quais são submetidas podem contribuir para a bloquear ações próprias motivadas para criar, imaginar e perceber a realidade. É possível que tal bloqueio favoreça o rompimento de ideias direcionadas ao planejamento para o futuro. A partir dessa compreensão, podemos nos indagar sobre a trajetória da vida dessas cidadãs, criadas, muitas vezes por mulheres que se viram diante da mesma realidade de servidão e devoção ao marido e aos filhos. Por outro lado, é notável a força dessas mulheres, das suas capacidades de conciliação das atividades fora e dentro de casa para garantir o sustento do lar; e, ao mesmo tempo, cuidar com zelo das suas, em especial, dos seus filhos.

Sobre a situação das mulheres periféricas, é importante ressaltar, ainda, que algumas estão rompendo com a situação de ser periférica, e com todos os estereótipos decorrentes de tal

⁶ Disponível no site: <<https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2017/Hist%C3%B3rias-de-vida-e-perspectivas-de-futuro-das-mulheres-da-periferia>>, último acesso em 23 de

setembro de 2018.

situação. Algumas dessas mulheres não constituem família, foram incentivadas a prosseguir com os estudos em nível superior, crescem profissionalmente, e militam por mais direitos, inclusive na própria periferia onde vivem.

Temos então, um fator social que gera essas situações, englobando o capital cultural e questões de gênero. Sob a perspectiva de Setubal (2017), medidas socioeducativas, culturais e esportivas, se implementadas nas periferias, podem auxiliar no empoderamento das mulheres em situação de vulnerabilidade,

em tempos de discussão sobre o papel da mulher na sociedade, a voz e a condição das mulheres moradoras de áreas de alta vulnerabilidade social têm de ser levadas em conta nas diferentes reivindicações femininas e para o desenho de políticas públicas mais eficazes, sejam elas de infraestrutura, saúde, educação, emprego, cultura ou outra área. (Setubal,2017⁷).

Embora haja defasagem em políticas públicas, segundo a autora, para mulheres periféricas, há hoje maior incentivo às lutas das mulheres, exemplo disto é a letra da música da cantora Livia Cruz⁸ ao mencionar o cenário de lutas atuais; *“a carne mais barata do mercado é da mulher / preta, pobre, de periferia / nós vamos acabar com esse legado / esse rastro de morte, que somos a maioria / não vamos pela fé nem pela sorte / nós somos de luta / cansamos de luto / nós somos a maioria⁹”*.

Compreendendo o cenário da mulher periférica, percebemos seus sofrimentos e angustias e a busca por melhoria de vida, embora seja difícil enxergar o universo diferente do seu, as mulheres por meio do feminismo¹⁰ estão expandindo as possibilidades e questionando seus lugares e papéis na sociedade.

2.1 A arte e a pintura como linguagem de expressão

A abordagem desta seção se consolida por meio da seguinte indagação: *Como a arte pode ter influenciado a trajetória de vida de mulheres periféricas?* Este questionamento é o que têm motivado a construção deste TCC. Esta subseção visa discutir sobre a importância do ato criativo e expressivo, levando em conta os abismos sociais. E como esses fatores sociais afetam as mulheres em vulnerabilidade social. Para isso, primeiro devemos entender o que motivou a

⁷ Retirado de um ensaio *online*, disponível no site: <<https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2017/Hist%C3%B3rias-de-vida-e-perspectivas-de-futuro-das-mulheres-da-periferia>>

⁸ Livia Cruz é cantora de rap e cultura hip-hop.

⁹ É pokas! – música.

¹⁰ Doutrina que preconiza o aprimoramento e a ampliação do papel e dos direitos das mulheres na sociedade / teoria que sustenta a igualdade política, social e econômicamente de ambos os sexos / atividade organizada em favor dos direitos e interesses das mulheres. Retirado do site <<https://www.dicio.com.br/feminismo/>> Outubro 2018.

escolha da pintura como instrumento de produção, criação e imaginação artística na vida das mulheres periféricas residentes no Paranoá.

A pintura é uma das formas de expressões artísticas mais antigas, além de ser um marco importante na minha trajetória de vida. O ato de pintar possibilita a criação de uma realidade diferente do real natural, podendo impulsionar a vontade de explorar cada vez mais o lado criativo e imaginativo dos sujeitos. Para Ostrower (1987),

criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse 'novo', de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e comprometidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar. (p.9)

Como apontado pela autora, a criação caminha diretamente com algo novo. Por se referir a mulheres em situações de vulnerabilidade social, a oficina elaborada, cujos resultados são apresentados neste TCC, visa a identificação das mulheres periféricas como indivíduos com direitos a educação e a exploração de novas possibilidades sociais e culturais em suas vidas. Alcançar o fazer prático da criação, possibilita a visão literal de algo novo se transformando nas telas pintadas por elas, exemplificando uma possível mudança de suas realidades.

Para Ostrower (1920) na criação artística existem muitas formas de linguagem, sendo elas verbais, visuais, escritas, corporais, de cunho expressivo. Dentro dessas possibilidades, a arte trabalha com diversos elementos de linguagem visual, como linha, superfície, volume, cor e luz podendo englobar mais de um tipo de elemento em suas produções. Os elementos da linguagem visual podem ampliar as formas de comunicação dentro de um mesmo trabalho, logo, ampliam a forma de ver o mundo de quem produz. Segundo a autora, a arte é capaz de transmitir afeições e percepções para quem a recebe, e cada pessoa digere as informações de forma autônoma. Possibilitando o sentir e perceber cada linguagem artística de forma única e individual. Quando falamos de linguagem, falamos também de expressão, vinda como consequência consciente e/ou inconsciente de cada pessoa.

A pintura, por exemplo, traz algumas características peculiares pela sua dimensão de possibilidades, materiais e técnicas. Sendo assim, a pintura pode ser figurativa ou abstrata trazendo a possibilidade de surgir um trabalho vindo do subconsciente do artista, florescendo o que muitas vezes estava adormecido e abandonado.

Acredita-se que o fazer artístico seja um caminho de autoconhecimento e desenvolvimento cognitivo afetivo, além de outros benefícios. Este ofício, pode acarretar em reinserção social por meio de noções de quem somos e do que gostamos, por exemplo, ao

escolhermos as cores utilizadas, as formas e quais elementos da linguagem visual usufruir. Para a abordagem utilizada na construção da oficina de pintura apresentada neste TCC, não existe certo nem errado no fazer artístico. Para as mulheres periféricas participantes não há avaliação por parte da autora da oficina. Será abordada a concepção de ser um trabalho proposto para o autoconhecimento, dando liberdade para as participantes serem quem elas são e quem elas podem ser.

Ao mencionar liberdade, abrimos caminho para abordar a imaginação. Esta encontra-se diretamente correlacionada à atividade artística, como acusa Barbosa (1991);

comecei falando da imaginação porque ela é indissociável da atividade artística, uma não existe sem a outra. A princípio considerei a imaginação como potencialidade humana fundamental para qualquer idade, ou atividade; não existe pensamento genuíno sem imaginação. (p. 30)

Seguindo a linha de pensamento da autora, podemos acrescentar que a criatividade e a imaginação dos indivíduos estão intensamente ligadas à sua história e a sua cultura. A fala da autora ao mencionar que não existe pensamento genuíno sem imaginação, fortalece a urgência de serem implementadas mais medidas socioeducativas e maior incentivo criativo e imaginativo nas escolas e meios sociais. Embora muitas vezes os próprios alunos não tenham uma visão artística confortável, causada pelo distanciamento da arte.

Para falar sobre isso, podemos ressaltar a visão sociológica trazida por Pierre Bourdieu (1998), no qual o autor apresenta a existência de capital cultural. Este, se torna um dos causadores das desigualdades sociais e culturais enfrentadas na arte, segundo ele. Bourdieu explica como o ensino é transmitido de forma diferente para alunos pertencentes a classes sociais distintas. Os alunos de classes sociais mais favorecidas trazem de berço o capital cultural, ou seja, capital de cultura. A cultura é composta pelos significados e valores de um grupo social.

O Capital Cultural é uma metáfora, criada por Bourdieu (1998), para explicar como a cultura em uma sociedade dividida em classes se torna uma moeda, utilizada pelas classes dominantes para acentuar as diferenças sobre as classes dominadas. Categorizando-se de arbitrário cultural dominante, ou seja, uma cultura se impõe sobre a outra.

Segundo o autor, as escolas estimulam o comportamento arbitrário cultural dominante, prejudicando os alunos desfavorecidos culturalmente, não por não terem conhecimentos culturais, mas por não terem o conhecimento da cultura ensinada/cobrada na escola. Gerando

sensações de incapacidade de aprendizagem, por falta de referências, aos sujeitos de classes desfavorecidas como os sujeitos periféricos.

Visto que tanto nas escolas quanto nos meios sociais, o conhecimento da arte em geral, é pouco transmitido. Podendo ocasionar exclusão social e cultural dos desfavorecidos economicamente e embora esteja sendo discutido, a arte ensinada nas escolas acaba sendo limitada a pessoas pertencentes a classes mais favorecidas, como aponta de forma exemplificada Barbosa (1991),

sem conhecimento de arte e história não é possível a consciência de identidade nacional. A escola seria o lugar em que se poderia exercer o princípio democrático de acesso à informação e formação estética de todas as classes sociais, propiciando-se na multiculturalidade brasileira uma aproximação de códigos culturais de diferentes grupos. (p.33).

Com o estudo abordado pela autora, podemos ajustar à realidade vivida nas escolas públicas do Brasil, onde em sua maioria há forte distanciamento artístico social. Esse distanciamento reforça a necessidade do ensinamento da arte de várias culturas, não só a cultura imposta pelos grupos de sociais dominantes, nas escolas e em centros de ensino e lazer. Pois, apesar de todas as questões relacionadas ao desenvolvimento expressivo pessoal, é também um direito de todos o acesso e entendimento da arte e da história por meio das instituições de ensino.

CAPÍTULO 03

Ao transformarmos as matérias, agimos, fazemos. São experiências existenciais – processos de criação – que nos envolvem na globalidade, em nosso ser sensível, no ser pensante, no ser atuante. Formar é mesmo fazer. É experimentar. É lidar com alguma materialidade e, ao experimentá-la, é configurá-la. Sejam os meios sensoriais, abstratos ou teóricos, sempre é preciso fazer.

Fayga Ostrower

3. EM DIÁLOGO COM AS FLORES DO PARANOÁ

Para me aproximar das mulheres participantes do estudo, e compreender sobre a relevância da arte em suas vidas, optei por duas estratégias: na primeira, fiz o uso da pintura como estratégia tanto para a expressão de sentimentos particulares dessas mulheres, quanto para identificar as suas relações com os ambientes culturais institucionalizados (museus, galerias, entre outros). Neste sentido, realizei Oficina de Pintura em espaço disponibilizado no CEDEP. Em uma segunda estratégia, promovi roda de conversa naquele mesmo espaço, em dia diferente do que foi realizada a Oficina de Pintura.

A ordem de aplicação das estratégias foi elaborada de modo que, por intermédio da oficina, as participantes pudessem refletir e falar de si desde os seus pensamentos íntimos, e, talvez, até inconscientes; sem o uso das palavras escritas ou proferidas verbalmente. É possível definir a Oficina de Pintura como uma espécie de *rapport* que é compreendido como "a relação harmoniosa, tranquila e serena, determinada e significada pela empatia. Trata-se de uma relação cordial, afetuosa, de confiança, de apreço e respeito mútuo, relação eminentemente humana" (OLIVEIRA, 2005, p.15). O *rapport* vem sendo utilizado, há muito tempo, em entrevistas realizadas na área de Psicologia, como meio para que o pesquisador se aproxime do participante, buscando construir elo de confiança necessário e relevante para o sucesso na recolha de informações junto a tal participante. Neste sentido, compreendemos que a relação de confiança, para que pudéssemos avançar para a roda de conversa, tenha sido construída no decorrer da realização das atividades da Oficina de Pintura.

A seguir, apresentamos as participantes do estudo e duas estratégias: Oficina de Pintura e Roda de Conversa. Ao final, discutimos aspectos relevantes resultados dessas ações que objetivaram dialogar com as mulheres periféricas.

3.1 Participantes

As participantes foram em número de três, com idade entre cinquenta e cinco e sessenta e cinco anos; duas sem escolaridade e uma formada em pedagogia, já adulta, fora da faixa etária regular do ensino superior. Essas mulheres são aposentadas, duas delas trabalharam ao longo da vida como empregadas domésticas e as três se aposentaram recebendo um salário mínimo.

As participantes não moram mais de aluguel. Uma delas mora numa casa no mesmo lote de um de seus filhos, (ela tem dois filhos adultos). A outra mora na casa do pai, com ele que também é aposentado e com um sobrinho jovem, essa optou por nunca se casar e não ter filhos. Por participar do grupo preparado para alfabetizar adultos no CEDEP, sempre teve vontade de

se formar em Pedagogia, sonho que só foi realizado por meio do Programa Universidade para Todos. Segundo o Portal do Mec, o Programa Universidade para Todos (ProUni) foi criado em 2004, pela Lei nº 11.096/2005, e tem como finalidade a concessão de bolsas de estudos integrais e parciais a estudantes de cursos de graduação e de cursos sequenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior.

A terceira participante mora em sua própria casa, com seu filho mais novo. Há oito anos atrás ficou doente de câncer de mama e não pôde mais trabalhar. Atualmente está tentando conseguir sua aposentadoria. Ela tem outras três filhas já adultas, responsáveis por suprir as necessidades da casa onde mora, e um filho que foi assassinado por traficantes no Paranoá.

3.2 Estratégias

Estratégia 1 - Oficina de Pintura

Para a construção da oficina, tomamos como referência o *Guia de Desenvolvimento de Reuniões Socioeducativas* organizado pela Fundação Tide Setubal¹¹. Como comentado anteriormente neste TCC, o local de realização da oficina foi o CEDEP, e o público alvo foram as mulheres em situação de vulnerabilidade social, que decidiram voltar a estudar em busca formação para pleitear oportunidades vantajosas quando comparadas àqueles que elas têm acesso com pouca escolarização. Outra decisão fundamental para a concretização da oficina foram os critérios de participação das alunas, de maneira que elas se sentissem com vontade e com engajamento para participar das atividades que foram propostas.

Dessa forma, embora tenha sido acordado com a professora da turma de alfabetização frequentadas pelas mulheres potencialmente participantes da oficina, a aplicação das atividades em sala de aula não foi obrigatória, as alunas tiveram liberdade para decidir se iam ou não participar. E para aquelas que optaram por participar, observamos a interação delas com as atividades realizadas durante a aula expositiva e o trabalho em equipe durante a aula prática.

O espaço cedido pelo CEDEP foi uma sala de aula, no período noturno, durante o horário em que as alunas teriam aula, das 19horas às 21horas, e foram acompanhadas pela professora regente durante toda a oficina.

¹¹ Criada em 2006, a fundação Tide Setubal é uma organização não governamental, de origem familiar, que atua com a missão de fomentar iniciativas que promovam a justiça social e o desenvolvimento sustentável de periferias urbanas, de modo que contribuam para o enfrentamento das desigualdades socioespaciais das grandes cidades.

As mulheres que frequentam o CEDEP, estão numa faixa etária entre 40 e 60 anos, fazem parte do programa de alfabetização popular. Quando finalizarem as etapas da alfabetização, podem, começar a frequentar as aulas em turmas de EJA.

O tema a ser trabalhado na oficina se ramificou conforme as necessidades das participantes. A proposta inicial foi desenvolver com elas, em um primeiro momento, de forma expositiva, o conceito de identidade cultural. O tema é voltado para questões sociais, por meio de aprofundamentos no conhecimento da identidade cultural, com interesse em ajudar as mulheres periféricas, para que houvesse um reconhecimento delas e do meio que as cerca.

Segundo Hall (1999),

o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificados ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” (HALL, 1999 p 13).

É sob essa perspectiva de Hall (1999) que se fundamenta a ideia de identidade cultural utilizada para conceber a oficina e para discutir os resultados alcançados pelo uso da pintura como meio para expressão das informações sobre as trajetórias de vidas das participantes da oficina. Partindo desta ideia de que somos seres em constante transformação, iniciamos as atividades da oficina com uma discussão sobre quem somos e como fomos formados. Abordamos o conceito de como somos frutos do meio em que vivemos, em nossas relações materiais e práticas. Com isso, definimos, de forma individual, a construção de nós mesmos por meio das nossas experiências e vivências, tomando como foco a construção de nós pelo outro, por vivermos em sociedade.

A partir dessa compreensão, podemos abranger ainda mais o nosso leque de diálogos da oficina, tomando também por base que realizamos a nossa subjetividade através das relações culturais, para,

a partir daí conseguirmos nos afirmar como indivíduos. De acordo com Hall (2000),

o termo ‘identidade’[é usado] para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode falar. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. (HALL,2000, p.112).

Com a conceitualização de Hall (2000), incentivamos as alunas a pensarem que embora estejamos condicionados às nossas realidades e a nossa cultura, nada é imutável e que podemos

nos permitir mudar e questionar as circunstâncias que nos cercam. Em busca de se autorreconhecerem como indivíduos pertencentes a diversos grupos e que nada do que nos cerca é para sempre, tudo transmuta, inclusive nossas noções de pertencimento e de identidade. Desta forma, norteamos as participantes a pensarem em possibilidades de mudança de realidade, caso haja situações de desamparo emocional e/ou financeiro.

Outro ponto fundamental para a construção da oficina, foi a preparação dos materiais e equipamentos selecionados. Como a primeira aula foi expositiva, levamos material simples e explicativo para exemplificação do tema abordado. Foi apresentado em forma de *powerpoint* uma breve introdução, seguida de debates entre as participantes a fim de coletar informações sobre a compreensão delas a respeito do tema proposto.

A aula prática foi um momento de colocar em ação o que foi conversado anteriormente. A proposta da aula prática foi que as mulheres fizessem, por meio da pintura, um autorretrato de como se sentem e enxergam como mulheres e do mundo que as cerca. Por meio de flores e cores, as alunas ampliaram seus horizontes com o pensamento criativo e execução da pintura realizada em telas de tecido.

PLANO DE AULA 01

Primeiro dia: Aula Expositiva.

Carga Horária: 2 horas/aula.

Objetivo de Aprendizagem: Assimilação do que é identidade cultural através de exemplos e explicações que conectam os sujeitos com o meio. De forma que consigam debater sobre suas experiências sociais pessoais.

Estratégias e procedimentos: Iniciamos a aula com uma apresentação sobre a pesquisadora responsável pela oficina, logo em seguida apresentamos sobre o que a aula se tratava, expondo o objetivo e o que iríamos fazer para as alunas. Com uma pergunta inicial, sobre o que elas entendiam a respeito do termo “identidade cultural”, iniciamos as explicações sobre o termo. Para ilustrar as explicações, foi utilizada a tela de um computador e projetor multimídia para mostrar imagens de exemplos de pessoas como frutos culturais.

Quando terminei de falar, abri espaço para um debate da turma sobre o tema e para que as participantes expressassem como elas se sentiam no ponto de vista de sujeito que vive em sociedade, resultado da sua cultura. O debate foi desenvolvido a partir da seguinte pergunta para as alunas, realizada pela pesquisadora responsável pela oficina: “*Como vocês se vêem*

dentro da cultura de vocês? Como ela é formada?” após algumas respostas e conversas lanço outra pergunta: *“O que vocês acham que tem mudado na cultura de vocês?”*

Material necessário:

Sala de aula / Computador, para apresentação das imagens a fim de ilustrar as explicações, como explicado anteriormente no tópico das estratégias e procedimentos.

Avaliação:

Participação no debate / Articulação ao falar / Exposição de pensamento crítico / Compreensão do tema ao responderem as perguntas e comentarem sobre o que aprenderam. / Interação das alunas com as respostas das outras.

A avaliação foi feita a partir da observação das alunas no momento do debate, causada a partir da pergunta de partida apresentada anteriormente no tópico das estratégias e procedimentos, seguida pela segunda pergunta.

Relatório da aula expositiva sobre identidade cultural:

Ao chegar na sala de aula me apresentei. Comecei explicando quem eu era e o que estava fazendo ali, pois para os alunos é importante saber quem de novo invade a sala deles, quais os objetivos de a pessoa estar ali e o que a presença dela pode interferir na vida deles. Haviam apenas duas alunas, ambas senhoras acima de sessenta anos, uma aposentada e a outra em busca da aposentadoria.

Entro numa turma de educação popular. Sua professora originária abandonou a turma no início do ano e para as alunas não ficarem desamparadas a professora que participou da oficina assumiu a responsabilidade quando a antiga saiu. As senhoras tiveram o ensino básico negado na infância e estão tendo oportunidade de aprender a ler e a escrever apenas atualmente.

A aula dada foi sobre identidade cultural, como já mencionado no Plano de Ensino. Foi preparado anteriormente um material didático em forma de slides. Nestes expliquei do que se tratava o termo *identidade cultural*, seguindo a perspectiva do Stuart Hall, destacando sua formação composta pelo conjunto de fatores que nos cercam e frisando sempre a formação do sujeito como indivíduos mutáveis. Para isso foram usados alguns exemplos, como construções culturais e fotografias mostrando diferentes tipos de culturas e culinárias, sempre retornando a realidade delas, buscando semelhanças e sentimentos de pertencimento a determinada cultura.

Após a aula, começamos a conversar. Conforme íamos trocando experiências, foram usados mecanismos para maior associação das participantes com tema proposto, como perguntas pessoais relacionando-se com as explicações anteriores. Com isso as alunas começaram a se abrir e a falar sobre a história de vida delas, frisando o sofrimento e as angústias que passaram por conta de maridos, a forma como criaram seus filhos sozinhas e das profissões que tiveram.

PLANO DE AULA 02

Segundo dia: Aula Prática de Pintura.

Carga Horária: 2 horas/aula.

Objetivo de Aprendizagem:

Desenvolver a imaginação e a criatividade por meio de uma pintura.

Estratégias e Procedimentos:

A proposta da aula se consolidou a partir da aula teórica do primeiro dia, e junto a isso foi proposto a produção de um autorretrato por meio de flores. Foi levado um catálogo de imagens de flores para referência. Foi solicitado pela pesquisadora responsável que as alunas retomassem os pensamentos da aula sobre identidade cultural e como elas se enxergavam a partir do meio em que vivem, para então consolidarem a produção da pintura.

A partir das imagens de flores elas selecionaram as flores que se identificavam. O primeiro passo para a construção da pintura foi pintar o fundo de uma cor só. O próximo passo foi esboçar as flores em uma composição livre escolhida pelas participantes. Por fim, foram pintadas as flores e finalizadas. Toda a oficina foi realizada da forma mais tranquila possível, durante toda a noite foi tocada, numa caixinha de som, sons ambientes de natureza para dar mais conforto e tranquilidade às alunas.

Material necessário:

Potes de tinta, pincéis, telas de tecido, potes com água, imagens de flores, lápis, toalhinhas para limpeza dos pincéis, jornal para forrar as mesas, caixa de som.

Avaliação:

Mostraram aplicação da técnica; Trocaram experiências; Exposição de senso crítico; Elaboração da pintura. O instrumento de avaliação foi a observação da pesquisadora responsável pela oficina sobre o comportamento e a participação das alunas, se houve troca de experiências entre elas, se demonstraram senso crítico em suas falas e se conseguiram realizar a atividade prática proposta.

Relatório sobre a aula de pintura

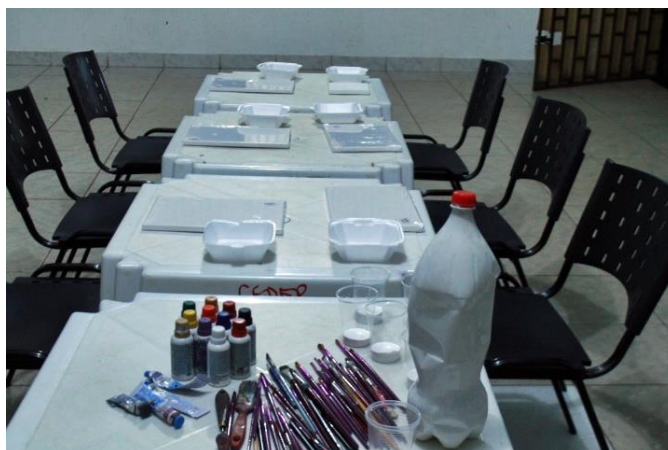


Figura 2 - Sala preparada para oficina

Fotografia: Leona Raio Laser

As alunas nunca haviam pintado antes, mas chegaram à aula empolgadas e contentes, com vontade de experimentar a atividade nova. Ao chegar na sala de aula, utilizada para a prática de pintura, organizei as mesas e os materiais e expliquei o que seria feito, bem como os objetivos da atividade.

Mostrei os materiais e expliquei para que eles serviam. Curiosamente as alunas não sabiam qual era o lado da tela a ser pintado, se era a parte da frente ou o verso. A atividade foi bem intensa para elas. Primeiro escolheram qual cor pintar o fundo da tela. Quando secou elas escolheram a figura da flor que gostariam de retratar. Foi sugerido que elas escolhessem alguma flor apresentada ou que criassem a própria flor. As duas optaram por pegar as imagens de flores impressas. Uma desenhou falando que estava feio e que não sabia desenhar. Já a outra não quis desenhar, então desenhei para ela.

Em seguida começaram a realização da pintura. Outras mulheres, todas residentes no Paranoá, participaram da oficina. Foi levado tinta acrílica branca e pigmentos líquidos. Com isso, elas puderam aprender um pouco sobre mistura de duas cores para formar uma terceira cor. Uma das participantes depois de um tempo demonstrava impaciência ao pintar, mas foi a última a terminar. As alunas foram bem abertas, mas infelizmente, a sensação que tive quando estavam pintando é que se desse alguma sugestão, esse palpite virava uma “ordem” e elas se sentiam obrigadas a fazer o que eu comentava ser uma possibilidade.



Figura 3 - Participantes pintando

Fotografia: Leona Raio Laser



Figura 4 - Participantes pintando

Fotografia: Leona Raio Laser

A aula seguiu tranquila e ao terminarmos a atividade elas agradeceram muito a oportunidade e ficaram muito contentes de terem pintado. Falavam: “*Vou pendurar lá na minha sala, vai ficar lindo*”, “*Será que a minha netinha vai gostar?*”. Demonstraram muita gratidão pela aula, disseram que pretendem voltar a pintar e que foi uma experiência muito prazerosa.



Figura 5 - Pintura realizada na Oficina

Fotografia: Leona Raio Laser



Figura 6 – Pintura realizada na Oficina

Fotografia: Leona Raio Laser



Figura 7 – Pintura realizada na Oficina

Fotografia: Leona Raio Laser

Estratégia 2 - Roda de Conversa

A roda de conversa, segundo Coelho (2007), "é um método de ressonância coletiva que consiste na criação de espaços de diálogo, em que os trabalhadores podem se expressar e, sobretudo, escutar os outros e a si mesmos" (p. 2). A instalação da roda de conversa com as participantes do estudo iniciou com a explicação, por parte da pesquisadora, sobre o objetivo do encontro e sobre a não obrigatoriedade da participação. Todas assentiram integrar a roda de conversa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo II). Em virtude do sigilo previsto no TCLE, os nomes das mulheres foram substituídos pela sigla M1...M3. A pesquisadora contou com auxiliar para gravar, em áudio, a sessão.

Ao todo, foram 53 minutos de diálogo mediados pela pesquisadora e incentivados por perguntas que envolveram temas pessoais e sociais. Com base nessas questões, tratamos as informações recolhidas na roda de conversa por categorização. As categorias foram assim definidas: Categoria 1 - Vida cotidiana, Categoria 2 - Família, Categoria 3 - Relações Sociais.

Na categoria 1 - Vida cotidiana, as participantes relatam sobre os seus afazeres diários, que, na maioria, implicam tarefas domésticas, as quais não têm relação com espaços de atuação profissional, conforme relatado pela M1: "*Eu fico em casa eu lavo, passo, limpo, é... não faço muita coisa por causa dos meus problemas de saúde, mas minha rotina é de casa, cuidado dos neto*"; e por M2: "*moço é tanta coisa, que, correria danada, durmo tarde, acordo tarde também, eu tenho dois anos que tô aposentada*".

Ainda no que diz respeito à Categoria 1, observamos que as participantes possuem vínculos robustos com a prática religiosa e com contextos médico-hospitalares em seus afazeres diários. Sobre esse último, elas os frequentam por questões próprias de saúde, em maioria, ou para prestar alguma contribuição: "*é, já trabalhei muito, mas agora já tem uns 18 anos que eu não trabaiei (sic) mais, que eu tive o câncer e aí daí do câncer pra cá eu não trabaiei(sic) mais, mais ... tô em casa, cuidando da casa e dos filho, e indo pro médico, sou muito feliz porque graças a Deus tô viva né, tenho disposição de tá com ele*" (fala de M1); "*eu também tenho muita consulta, muito problema de saúde, ontem mesmo eu fui pro cardiologia, hoje eu já fui pro posto, assim é quase todo dia eu tenho consulta*" (relato de M2). Segundo relato de M3: "*então, mas aí eu tenho essa atividade aqui no CEDEP, sempre venho aqui, antes eu vinha uma vez por semana numa tarde quarta feira, depois que no mês de março começou um curso de corte e costura aqui, aí me inscrevi duas vezes na semana, a tarde. Só que depois eu participo do conselho de saúde lá no hospital da união, na reunião, tem duas reunião (sic) por mês, agora*

é só uma, reunião mensal, é esses meses aí eu tô secretariando lá porque a secretaria do conselho não quis ficar mais e eu tô relatora de atas lá nas ultimas reuniões, e é assim, não paro não, em casa todo dia tem uma coisa pra fazer, é muita coisa, muita coisa, saio vou pra rua".

O envolvimento com a religião é expressado por M1: *"eu e meu filho participa do caminho né [atividade da igreja frequentada pela participante], aí a gente tem os encontros, aí essa semana ele passou três dias de retiro aí mês que vem é eu, muito bom porque fazer o que né, o que tem pra fazer é a igreja né?"*; por M2: *"Eu sou da igreja normal [a participante se refere à Igreja Católica, a qual chama de normal], eu só participo da pastoral da saúde"*; e, por M3: *"aí eu vou pra igreja, as missas no domingo, esse final de semana tem um retiro, de sexta a domingo, tem as reuniões aqui as sextas feiras, essa eu venho, agora tem uns dois meses que eu não venho, tô com preguiça, aí é hoje mesmo era pra ter vindo pro curso e não vim, tem uma semana que eu não venho, mas também tem dia que eu tô assim, ah acho que eu não vou hoje não, agora com essa quentura que tá aí de tarde, eu não to vindo, tem umas duas semanas porque tá muito quente"*.

Na categoria 2 - Família, as informações recolhidas desde a roda de conversa possibilitaram aproximação tanto com as histórias sobre a origem das participantes, quanto sobre a formação inicial dos seus núcleos familiares quando adultas, bem como, da situação atual desses núcleos. Sobre família de origem, as participantes foram incentivadas a narrar sobre suas histórias desde as flores que haviam escolhido para representá-las durante a realização da Oficina de Pintura. De acordo com o relato de M2, *"a minha foi mais ou menos assim como você tava comentando, só que que eu fui muito bem cuidada com a minha mãe e meu pai junto, só que eu tinha outros irmãos de outro casamento, aí eu já vim da segunda família, aí já tinha um irmão maior né, mas aí eu nasci e nasceu dois irmão, depois nasceu eu, depois nasceu outra irmãzinha minha; e depois nasceu outro menino, aí quando nasceu esse outro menino, a minha mãe adoeceu. Só que eu já tava grandinha, mas só que cuidando dos meus irmãos né? Aí minha mãe adoeceu, meu irmão que veio na coisa dela, ele também ficou meio doentinho, aí ele não durou muito, ele faleceu. Aí ficou minha mãe doente muito tempo e ninguém sabia o que que ela tinha, então naquela época, eu ainda não sabia muito bem das coisas o quê que era doença, o quê que ela tinha, o quê que não tinha, e meu pai vendia na feira de alagoinhas e, às vezes, ele ia na segunda só voltava na sexta ou na quinta, aí a gente ficava em casa eu, meu irmão menor e esses dois maior que era homem do outro casamento"*. O relato de M3 revela que, *"eu sou a quinta de 7 filhos, a minha mãe era viúva quando casou com o meu pai, meu pai era viúvo, minha mãe já tinha um filho, já tinha morrido duas filhas dela, que ela teve com o meu*

pai. E ai, eles só tinham meninos mais velhos e assim eram 4 homens e 3 mulheres, e a gente sempre foi muito cuidada, naquele tempo tinha esses cuidados com as meninas, a gente ficava muito em casa, a minha mãe não gostava que a gente saia (sic) e ai ela gostava de ficar em casa ou ir pra roça. Eu era a do meio e o meu pai já tinha uma filha quando casou com a minha mãe, mas era aquela coisa a gente sempre foi muito próxima. Minha casa vivia cheia de gente, desde que nasci, assim que eu fui crescendo e percebendo as coisas, pequeninha eu lembro da minha casa sempre cheia, meus primos, eram as vizinhas dos anos 60 que veio pra Brasília e deixava os filhos lá com a minha mãe. Então era aquele monte de brincadeira, brincava muito. E tinha assim minha vó que era a coisa mais linda do mundo, um doce, era uma gracinha com a gente e o pai do meu pai né, a minha mãe ficou órfã de pai muito cedo e de mãe mais tarde também. Mas assim, minha vó era uma pessoa muito linda e tinha minhas tias também, que eu lembro que minha mãe gosta de bater, batia na gente! Na hora que ela vinha a gente corria pra casa da minha vó e minhas tias também, porque elas não deixava."

Os relatos sobre a formação do núcleo familiar na fase jovem ou adulta, revelaram, segundo M1, que *"sei nem por onde anda [ela se refere ao marido], aliás eu casei com ele no Goiás, eu morei nove anos com ele debaixo de uma lona no Goiás, ele nunca me deu uma casa pra eu morar não, dentro das roça (sic), onde tinha uma moita assim ó, ele botava uma lona e prendia uns pregos assim e amarrava e fazia uma casinha tipo de acampamento. Sofri, minha filha, se eu for contar meu sofrimento pra você, três dias não dá, ainda hoje eu ainda hoje tava falando com meu irmão lá, ele reclamando lá da vida e eu falei não reclama não porque vocês nenhum sofreu igual eu, eu casei com um cara que eu não queria, um cara véi, eu com dezoito anos e ele já com trinta e seis".* E de acordo com M2, *"eu tenho dois filhos e tive dois maridos, só pari um de cada um, mas do primeiro eu apanhei até umas horas... é... mas depois foi vindo outras coisas melhor, fui crescendo mais tomando mais juízo de tudo e melhorando a minha vida, por que você sabe quando a gente, quando não tem tu vai tu mesmo né, eu comecei e era eu mesmo comecei a arrumar serviço pra mim fazer, me virar pra mim comer e me sustentar e sustentar meu filho, quem não tem tu vai tu mesmo".*

Sobre a situação atual dos seus núcleos familiares, os relatos das participantes indicam que: *"criei meus quatro filhos sozinha, cinco né, quatro do casamento e eu tenho outro, e eu tenho quatro filho do meu casamento e eu tenho esse que mora comigo agora de dezoito, ele não é do meu casamento, quando eu me separei a minha menina mais velha tinha sete anos e a caçulinha tinha um ano"* (fala de M1). Sobre o tema em tela, M2 diz que: *"eu moro sozinha também, mas meu filho mora no mesmo lote do lado, tem uma casinha lá, mas dentro da minha casa eu durmo e acordo sozinha, faço comida pra mim sozinha";* e M3, explica que: *"eu moro*

com meu pai meu irmão e um sobrinho, e um monte de gente que aparece, eu tenho umas sobrinhas".

Na categoria 3 - Relações Sociais, além dos vínculos com as atividades no CEDEP, nas igrejas e nos hospitais, em minoria, M2 relata que: *"eu? A minha vida de cada dia, eu vou todo dia eu vou pra Planaltina fazer hidroginástica É, aí terça e quinta eu vou, eu acordo cinco horas da manhã e pego o ônibus de seis horas e vou pra Planaltina, chego lá já ta todo mundo dentro da piscina, professor já fez até chamada mas aí depois quando ele não me vê ele me chama depois, já botei seu nome..., pois é, é porque eu tenho medo dele ficar botando falta e eu perco minha vaga, eu chego tarde né, quando eu chego já ta todo mundo dentro, aí ele já fez chamada aí é a primeira coisa que eu pergunto 'já fez chamada?' 'já'" "botou meu nome?" ele 'não botei não....' eu digo 'pois então bote'.*

A abordagem da trajetória de vida das mulheres participantes, possibilita correlacionar suas histórias frisando as prioridades e construções identitárias que as promovem. Deste modo, conseguimos identificar suas prioridades vividas como: a manutenção de suas casas, cuidado com os filhos e com as pessoas amadas, envolvimento sério e inquestionável com a igreja, reconhecimento de como a igreja católica as auxiliou em difíceis momentos de suas trajetórias de vida.

Conseguimos identificar as referências artísticas visuais as quais tiveram acesso, como escassas. A arte estava mais presente por meio da música e da dança, cantos católicos e algumas saídas de lazer para dançar forró. A experiência que a Oficina de Pintura possibilitou, se deu de forma a mostrá-las uma mudança em seus cotidianos, trazendo uma marca experiencial de primeira viagem, a abordagem dos conceitos de capital e identidade cultural serviu de instrumento para a construção de um pensamento genuíno concretizado pelo incentivo a criação e imaginação.

A retomada às suas histórias, nos permite relacionar com a história do Paranoá, com seu início sofrido e precário, mas que aos poucos foi sendo construído e forjado de muita luta e conquista. As mulheres participantes demonstraram em seus relatos a força de mulheres periféricas, que não mais se submeteram às agressões de seus maridos, nem a condição desfavorável economicamente a qual foram criadas.

O direito ao estudo por muitos anos lhes foi negado, mas mesmo com todos os preconceitos e dificuldades que as pessoas analfabetas enfrentam, as participantes foram capazes de superar seus medos e se permitirem aprender a ler, compreendendo seus espaços como cidadãs de direito ao estudo e ao acesso ao conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo mostrar de que forma a utilização da oralidade e da pintura, para a compreensão da trajetória de vida de mulheres periféricas residentes no Paranoá, pode auxiliar de forma expressiva e criativa a vida dessas mulheres. Para isto, foi necessário compreender qual a origem do lugar estudado, a história e a força de lutas que têm a cidade a qual as mulheres residem por tantos anos.

Compreender a história da cidade em que cresci serviu de pilar para que eu pudesse reconhecer o cenário de lutas, derrotas e conquistas a quais eu vivenciei um pouco na infância. Em busca de relacionar e reconhecer também a identidade das participantes, foi feita a aplicação da oficina e da roda de conversa no CEDEP, pelo centro estar diretamente relacionado com a história da cidade e agora fazendo história na vida de mulheres periféricas.

Para coleta de informações sobre a trajetória de vida das participantes foi ministrada uma aula introdutória para reconhecimento delas a respeito de suas identidades culturais e associação de seus lugares sociais.

A experiência da oficina de pintura serviu, como primeiro contato prático no universo das artes visuais para as participantes, a forma de fazer e produzir livremente expandiu seus desenvolvimentos expressivos, criativos e a genuinidade da imaginação. Com auxílio da roda de conversa foi possível conhecer as participantes e suas identidades por meio de seus relatos a respeito de suas trajetórias sociais, familiares e sobre suas rotinas cotidianas.

Este TCC é importante para o meio acadêmico por abordar as características identitárias das mulheres periféricas, gerando desta forma uma reflexão sobre a condição dessa mulher na cidade do Paranoá e como sua relação com a arte pode ser um diferencial nas suas trajetórias de vida, assim como foi um diferencial na minha vida. Espero que, os resultados apresentados por este TCC, sirvam para auxiliar futuras ações com mulheres em situações parecidas.

Com esta pesquisa, pude perceber a semelhança entre as histórias de vida das participantes, que passaram por situações parecidas, por exemplo, a recorrente presença da violência doméstica fortemente em seus cotidianos. Com os relatos das participantes, pude dialogar com a trajetória de algumas familiares minhas, que já sofreram abusos por parte de seus maridos e namorados, infelizmente demonstrando ser uma característica forte na vida de mulheres periféricas.

Com os resultados aqui apresentados, podemos reconhecer melhor os perfis das mulheres periféricas residentes no Paranoá, que se encontram em situações de vulnerabilidade e invisibilidade sociais, mas que não se conformam com a vida de abuso e buscam por uma saída,

um recomeço. Desta forma, espero que o contato com a pintura e com a roda de conversa lhes proporcione vontade de continuar utilizando a arte como recurso expressivo, de mudança de realidade, como alternativa para um novo começo, uma reinvenção de seus cotidianos a partir de agora.

ANEXO I*Transcrição da Roda de Conversa*

Lanna: A gente vai falar sobre um tema que afeta todas vocês, eu preparei aqui então eu vou ler aqui pra não esquecer nada, antes da gente entrar nesta discussão eu gostaria de fazer alguns pedidos, primeiro vocês devem saber que estamos gravando a sessão de modo que eu possa voltar a nossa discussão quando eu for escrever meu relatório. Se alguém se sente constrangido pela gravação, por favor diga, alguém? Não? E é claro que vocês podem não... não querer gravar e podem querer sair também se vocês quiserem, não tem problema? Então muito obrigada. Eu gostaria que vocês falassem alto para que eu consiga ouvir bem quando eu for ouvir e escrever no relatório.

Mulher 1: Mas falar o que?

Lanna: Quando a gente estiver conversando, isso daqui é uma roda de conversa. Não é uma prova, não é nada disso, é só uma roda de conversa.

Mulher 2: Você vai gravar aí, né? Ta gravando aí, né?

Lanna: Sim, está gravando aqui no meu telefone, entendeu? Aí só pra falar alto pra eu conseguir ouvir depois.

Mulher 1: Ué ta fechando a porta aí.

Lanna: Eu vou fazer um papel de guarda de trânsito pra ninguém falar mais do que ninguém e a gente conseguir mediar isso pra todo mundo conseguir falar, ta? Então se eu ficar muito chata assim “não, então vamos ver aqui” ou então “ah, deixa ela falar” é só pra dar essa liberdade de todo mundo falar o mesmo tanto, xô ver que mais... hãhã... a gente tá aqui para trocar opiniões e se divertir enquanto fazemos isso. Antes da gente iniciar essa discussão, eu acho que a gente podia se conhecer um pouco mais, vamos começar com alguns comentários introdutórios sobre nós mesmos. Mulher 2, porque você não começa e vamos cada uma falando um pouco sobre o que fazem da vida? Queria saber um pouquinho mais de você, o que você faz.

Mulher 2: Deixa eu pensar pra não falar besteira né?

Lanna: Não! Não fique nervosa, você pode gente isso daqui é uma conversa normal, a única diferença é que está sendo gravada

Assistente de pesquisa: É só um debate

Creuza: É porque sendo gravado, ela fica registrado pra ela escrever

Lanna: É porque depois eu vou escrever

Mulher 2: Você quer saber o que se passou comigo né?

Lanna: Não, eu quero saber só o que você faz, a sua rotina, o seu dia a dia

Assistente de pesquisa: O que a senhora quer que a gente saiba?

Lanna: É, no seu dia a dia, o que você faz? Você faz bolo? Você é dona de casa? Você gosta de.. não sei

Mulher 2: Eu fico em casa eu lavo, passo, limpo, é... não faço muita coisa por causa dos meus problemas de saúde, mas minha rotina é de casa, cuidado dos neto

Lanna: Sempre foi assim?

Mulher 2: É, já trabalhei muito, mas agora já tem uns 18 anos que eu não trabaiei mais, que eu tive o câncer e aí daí do câncer pra cá eu não trabaiei mais, mais ... to em casa, cuidando da casa e dos filho, e indo pro médico, sou muito feliz porque graças a Deus to viva né, tenho disposição de tá com ele

Assistente de pesquisa: Continuar sua batalha né

Mulher 2: É, de continuar minha batalha em casa, é... pretendo estudar mais, pretendo aprender, quero desenvolver eu quero ler minha bíblia, se Deus quiser todo dia eu peço pra mim aprender mesmo né, e é isso aí

Assistente de pesquisa: A senhora mora sozinha?

Mulher 2: Mora eu e meu filho, eu moro com um filho de 18 anos, fazendo a faculdade e fico em casa, agora mesmo eu vim e fiquei preocupada que ele ainda não tinha chegado

Lanna: Ah, daqui a pouquinho, ele já deve estar lá, ele mora aqui perto né

Mulher 2: Mas quando ele chegar ele vai pra igreja, que ele tem os catequistas lá e ele vai pra uma reunião e quando ele chegar vai direto pra lá

Lanna: E você Mulher 1?

Mulher 1: Eu? A minha vida de cada dia, eu vou todo dia eu vou pra Planaltina fazer hidroginástica

Lanna: Eita ferro

Mulher 1: É, aí terça e quinta eu vou, eu acordo cinco horas da manhã e pego o ônibus de seis horas e vou pra Planaltina, chego lá já ta todo mundo dentro da piscina, professor já fez até chamada mas aí depois quando ele não me vê ele me chama depois, já botei seu nome Mulher 1, pois é, é porque eu tenho medo dele ficar botando falta e eu perco minha vaga, eu chego tarde né, quando eu chego já ta todo mundo dentro, aí ele já fez chamada aí é a primeira coisa que eu pergunto “já fez chamada?” “já” “botou meu nome?” ele “não botei não Mulher 1” eu digo “pois então bote”

Mulher 3: Ele espera chegar

Lanna: Sim

Mulher 1: É aí termina aí eu tomo banho lá tem banheiro tem chuveiro lá tem tudo aí eu vou pra parada pegar o ônibus aí o ônibus passa oito e meia

Assistente de pesquisa: De volta né

Mulher 1: É de volta, aí depois eu pego o ônibus e chego aqui nove e meia aí quando eu chego aqui tomo banho, tomo café, eu moro sozinha também, mas meu filho mora no mesmo lote do lado, tem uma casinha lá, mas dentro da minha casa eu durmo e acordo sozinha, faço comida pra mim sozinha

Mulher 3: E Deus

Mulher 1: É e Deus, só nos finais de semana que minha neta vai e fica comigo, ela vem na sexta e só vai embora no domingo de noite

Assistente de pesquisa: Ela tem quantos anos?

Mulher 1: Ela tem treze

Assistente de pesquisa: Ah

Mulher 1: Ela já ta mocinha já

Lanna: Já ta mocinha mesmo

Mulher 1: Aí ela vai pra igreja também, todo domingo eu vou pra missa, tem vez que eu vou no sábado também, tem vez que eu vou no domingo, e é aquela rotina do dia a dia eu faço minha comida pra mim só, limpo casa, lavo minha roupa, visito meus doentes, hoje mesmo eu fui visitar um, quando terminei tem uma, eu sou da pastoral da saúde, tem uma missa lá nas quintas e tem quinta que eu vou tem quinta que não, porque tem uma quinta que eu tenho atividade lá no bandeirante, aí eu vou pra lá, no dia que eu vou pra lá eu não posso ir pra missa, porque lá é até quase seis horas e a missa é quatro horas, aí eu num.. num da pra eu fazer duas coisas e dia de sexta feira tem uma atividade ali na casinha, dia de quarta eu também tenho

Assistente de pesquisa: Menina, agenda lotada

Mulher 1: É

Lanna: Várias atividades

Mulher 1: E quando é na segunda e na quarta e na sexta eu vou pra planaltina também, só que eu vou em outro horário, eu vou a semana toda pra lá, eu vou de nove, no ônibus de nove, e volto no ônibus de onze e quarenta

Assistente de pesquisa: E a senhora vai e volta sozinha?

Mulher 1: Não, dia de quarta eu tenho uma amiga que vai comigo, dia de segunda quarta e sexta eu tenho uma amiga que vai comigo, mas dia de terça e quinta eu vou sozinha e Deus

Lanna: E mais quinhentas pessoas dentro do ônibus né

Mulher 1: É, mas quinhentas pessoas dentro do ônibus

Lanna: Ja tem ônibus direto daqui pra planaltina?

Mulher 1: Tem, e esse que eu vou seis horas ele vai direto mesmo, não entra no arapongas não, mas os outros todos entra e sai

Assistente de pesquisa: Não da volta né

Mulher 1: Só esse de seis horas que não entra, porque esse horário é muito cedo né. Aí dia de segunda quarta e sexta eu vou com ela, aí eu faço aula de dez horas e a gente sai de onze e quarenta aí vamo pra parada e pega o ônibus, chego aqui quase duas horas e aí eu chego dia de quarta e dia de sexta eu vou pra casinha né

Assistente de pesquisa: Vocês sempre tiveram esse contato com a religião?

Mulher 1: Hãh?

Assistente de pesquisa: Sempre tiveram esse hábito de ir pra igreja?

Mulher 1: Ah eu vou

Mulher 2: Sim

Mulher 1: Desde sempre que eu sou católica, ela também é, né?

Assistente de pesquisa: É, ela comentou

Mulher 2: Eu sou, eu tenho filho evangélico mas

Mulher 1: Pois é, ela comentou mas ela é até do grupo do caminho

Lanna: E você Mulher 3?

Mulher 3: Sou

Mulher 1: Eu sou da igreja normal, eu só participo da pastoral da saúde

Mulher 2: Eu e meu filho participa do caminho né, aí a gente tem os encontros, aí essa semana ele passou três dias de retiro aí mês que vem é eu, muito bom porque fazer o que né, o que tem pra fazer é a igreja né

Lanna: Com certeza

Mulher 1: Eu também tenho muita consulta, muito problema de saúde, ontem mesmo eu fui pro cardiologia, hoje eu já fui pro posto, assim é quase todo dia eu tenho consulta

Assistente de pesquisa: E a senhora ainda faz suas coisas tudo de ônibus?

Mulher 1: Agora eu ta bom, antes eu andava com a carteira de identidade, agora é com o cartão, a carteirinha, aí

Assistente de pesquisa: É a carteirinha é ótima

Mulher 1: É porque aí a gente não fica ouvindo charada de motorista, nem de cobrador porque eles enchem o saco

[...]

Lanna: Agora Mulher 3, por favor, como que é a sua rotina, como que cê faz?

Mulher 3: A minha vida?

Lanna: É

Mulher 3: Moço, é tanta coisa, uma correria danada, durmo tarde, acordo tarde também, eu tenho dois anos que eu to aposentada

Lanna: Ai, delícia! Meu sonho

Mulher 2: O meu também

Mulher 3: Então, mas aí eu tenho essa atividade aqui no CEDEP, sempre venho aqui, antes eu vinha uma vez por semana numa tarde quarta feira, depois que começou no mês de março começou um curso de corte e costura aqui, aí me inscrevi duas vezes na semana, a tarde. Só que depois eu participo do conselho de saúde lá no hospital da união, na reunião, tem duas reunião por mês, agora é só uma, reunião mensal, é esses meses aí eu to secretariando lá porque a secretaria do conselho não quis ficar mais e eu to relatora de atas lá nas ultimas reuniões, e é assim, não paro não, em casa todo dia tem uma coisa pra fazer, é muita coisa, muita coisa, saio vou pra rua

Lanna: A senhora mora sozinha?

Mulher 3: Não, eu moro com meu pai meu irmão e um sobrinho, e um monte de gente que aparece, eu tenho umas sobrinhas

Lanna: As netinhas também vivem lá né

Mulher 3: Aquela menina que veio, uma moreninha fica la em casa durante a semana e final de semana ela vai pra casa da mãe ela, por causa do transporte da escola, mas assim, a casa tem dia que é cheia de gente, tem dia que não tem ninguém, é difícil ter um dia pra não ta a casa sempre aparecendo gente, e é assim, é um movimento eu não paro, toda hora é dum lado pro outro, não fico quieta né, as vezes quando minha irmã

Mulher 1: Ainda tem a casinha lá que tu vai né

Mulher 3: É, na sexta feira a tarde eu to participando lá do CCI, que é o centro de convivência do idoso, aí eu comecei lá esse ano, toda sexta a tarde, e os fins de semana eu vou pra igreja, sou catequista no sábado, pela manhã

Lanna: Caraca, como a senhora da conta?

Mulher 3: Aí eu vou pra igreja, as missas no domingo, esse final de semana tem um retiro, de sexta a domingo, tem as reuniões aqui as sextas feiras, essa eu venho, agora tem uns dois meses que eu não venho, to com preguiça, aí é hoje mesmo era pra ter vindo pro curso e não vim, tem uma semana que eu não venho, mas também tem dia que eu to assim, ah acho que eu não vou

hoje não, agora com essa quentura que ta aí de tarde eu não to vindo, tem umas duas semanas porque ta muito quente

Lanna: E vem caminhando né?

Mulher 3: É, não aprendi a dirigir, não quis aprender, fiquei com medo agora é mais complicado né, é mais difícil, mas assim, é uma reunião é uma coisa uns chamados aí de reunião, mas também eu saio muito, de vez enquanto converso com uns colegas

Assistente de pesquisa: E vocês são de onde? São daqui de Brasília mesmo?

Mulher 3: Não, nós somos eu sou do Piauí, sou piauiense, mas fui criada, saí de lá ainda criança, fui pro Goiás que agora é Tocantins, fui pro goiás morei já vim pra cá já adulta já, jovem com vinte e um anos foi quando eu cheguei aqui, e aí sempre... quando a gente chegou foi morar em Planaltina, sempre, aí vim pro Paranoá aqui em oitenta e um, de oitenta em um aí participamos do sofrimento da lata d'água na cabeça, e assim mesmo era feliz e não sabia, né? O pessoal fala assim depois desse assentamento

Mulher 2: Era

Lanna: Você também veio na construção? Você também veio no início da vila Paranoá?

Mulher 2: Sim, todo mundo aqui né?

Mulher 3: Não, não foi assim no início não, quando viemos foi em oitenta e um, e começou em cinquenta e seis, sessenta

Mulher 2: Não, nós moramos lá na beira ainda, entrava no lago com as bacia de roupa na cabeça

Mulher 3: Mas era.. eu trabalhava né

Mulher 2: Criei meus quatro filhos sozinha, cinco né, quatro do casamento e eu tenho outro, e eu tenho quatro filho do meu casamento e eu tenho esse que mora comigo agora de dezoito, ele não é do meu casamento, quando eu me separei a minha menina mais velha tinha sete anos e a caçulinha tinha um ano

Lanna: Criou tudo sozinha, o pai deles

Mulher 2: Não sei nem onde anda

Lanna: Desapareceu do mapa

Mulher 2: Sei nem por onde anda, aliás eu casei com ele no Goiás, eu morei nove anos com ele debaixo de uma lona no Goiás, ele nunca me deu uma casa pra eu morar não,

Mulher 3: Ixi, e como é que se more embaixo de uma lona? E na chuva?

Mulher 2: Dentro das roça, onde tinha uma moita assim ó, ele botava uma lona e prendia uns pregos assim e amarrava e fazia uma casinha tipo de de de

Assistente de pesquisa: De acampamento

Mulher 2: É, tipo de acampamento desses de circo, e nós morava,

Assistente de pesquisa: E a senhora é da onde?

Mulher 2: Sofri, minha filha se eu for contar meu sofrimento pra você, três dias não dá, ainda hoje eu ainda hoje tava falando com meu irmão lá, ele reclamando lá da vida e eu falei não reclama não porque vocês nenhum sofreu igual eu, eu casei com um cara que eu não queria, um cara vei, eu com dezoito anos. Posso começar de novo?

Lanna: Pode

Mulher 2: Bom, eu casei com dezessete anos, ia fazer dezessete anos, ele já tinha trinta e seis anos

Assistente de pesquisa: Caramba

Mulher 2: E foi na época de eleição, a gente deu mão no civil e aí ele tinha que vir votar aqui na Santa Mulher 2 do Goiás, aí ele foi lá e falou com o padre que ia casar nois, falou com o pessoal lá do cartório pra nois vir casar na igreja pra ele ir votar e depois nois ia casar no civil, aí falou com o padre pra fazer o casamento, o padre achou estranho e falou na hora do casamento lá o padre perguntou que achou eu muito novinha, eu era muito pequena né, e ele bem já vei, o padre falou assim “você já teve alguma esposa?” ele olhou pro padre e falou assim “ô seu burro, se eu tivesse esposa eu não tava me casando” desse jeito, o padre falou faça esse casal bem ali porque eu não faço mais o casamento deles

Lanna: Aí a senhora, vocês nunca casaram na igreja?

Mulher 2: Aí casou todo mundo, e eu lá de noiva toda especada lá e aí

Mulher 3: Morrendo de vergonha, de castigo

Mulher 2: Pense bem, aí veio o pessoal todinho conversou com o padre, ô seu padre, faz o casamento deles, e a festa que meu pai tava fazendo lá, matou porco, matou não sei o que lá pra mesa, fazendo de comer pra servir pra esperar o povo vir do casamento lá e se eu não casasse, aí o padre resolveu fazer

Mulher 3: Melhor pra você se não tivesse casado

Mulher 2: Depois que casou todo mundo, aí o padre foi, pegou nois e fez o casamento, mas eu sempre falo ele não me abençoou, com oito dias de casados ele começou a me bater

Lanna: Hmm foi só casar

Mulher 2: Começou, e me levou pra esse Goiás aí, e eu não conhecia ninguém, não tinha estudo, não tinha nada, minha filha eu sofri, se eu te contar que eu já relei cana no ralo pra dar pra espremer no pano assim pra dar agua pros meu filho de beber, cê diz que é mentira, mas tenho com esse Deus que não desacredita, já cozinhei mi na lata, pra dar meus filho pra comer, meus filho comia no colégio e eu não gosto nem de falar da minha vida [começa a chorar]

pegava comida dos colégio pros meus filhos comer, os meninos comia, as criancinha chegava no colégio e ó, rapava o resto e trazia, sofri sofri sofri, aí quando foi um dia, meus menino quando via ele chegando eles já mijava, bebia bebia bebia, e chegava, ele saia três dias e deixava nois trancado, quando ele chegava ele já chegava quebrando tudo, rancava a lona veia e deixava nois no mundo, e nois morando dentro das fazenda, aí quando foi um dia ele chegou, e meu menino quando via ele já mijava, o bichim chegava a mijar, ele foi deu minha menina pra um fazendeiro [muito choro]

Mulher 3: Se acalme, se não quiser falar não fale. Seu sofrimento está voltando

Assistente de pesquisa: É

Mulher 2: [continua chorando] Ele comprava um kilo de arroz, aí ele media quantas xícaras dava, aí se desse pra cinco dias, se desse cinco xícara era pra cinco dias que tinha que cozinhar eu cozinava aquele arroz, eu não tinha direito de dá pra nenhum dos menino, eu cozinava e deixava a panela lá, quando ele chegava ele colocava no prato de cada um, quando foi um dia a Toinha me deu um litro de leite, e eu fervi o litro de leite, e meu menino que morreu, meu menino sofreu tanto e ainda morreu, aí eu fervi esse litro de leite e ele “mãe, eu to com fome, mãe” e eu falei “peraí meu filho”, vou dar um pouco desse leite pra você, mas você bebe ligeiro antes do seu pai chegar, ele era pequenininho, aí eu peguei uma xícara de agua, despejei dentro do leite e despejei o leite, pra poder ele não sentir diferença né, aí dei o bichinho pra comer, ele sentado no chão lá comendo, botei farinha dentro do leite e ele sentado lá comendo, quando ele chegou ele pisou no prato do menino todinho assim ó, e chutou pro menino não pegasse, aí ele foi e pegou minha menina e balançou ela pelos cabelos assim e balançou ela no teto assim encima de uma área da cozinha assim, e depois jogou ela no chão e eu saí correndo, eu falei olha “eu vivo com você nove anos, e eu falei que eu nunca ia te responder, já sofri, tu já me deixou amarrada, tu já me joeiou, tu não vai triscar nos meus filhos mais nunca, e ele trisca não trisca aí ele vai abriu a cisterna pra jogar nois dentro, quando ele abriu a tampa da cisterna pra jogar eu mais os menino lá dentro eu corri pra igreja com os meninos, aí nois correu pra igreja aí na igreja tinha uma delegacia la perto e eu corri, soquei pra debaixo de um policial que tava balançando na rede, sentei por baixo e ele disse “o que que o bahiano fez?” “olha aqui como é que ta a minha filha” a bichinha tava banhada de sangue, aí eles pegou e prendeu ele.

Mulher 3: Jesus sacramentado!

Mulher 2: Aí ele disse “cê quer ir embora pra sua terra? Onde é que ceis dorme?” aí eu falei “aqui, no papelão” nois dormia no papelão, e ele “cê cozinha aonde?” aí eu falei “ali naquela lata lá fora” era uma lata de serragem, e dizia “cê num tem família não?” e eu “tenho, mas minha família mora na Bahia, eu não sei nem ir pra lá” e ele falou assim ó “eu vou eu não vou

deixar mais você nesse sofrimento, cê vai embora daqui, eu vou segurar ele lá na delegacia até você ir embora, a gente vai dar um jeito de você ir embora, aí me levou lá na igreja, o padre me deu 100 reais, a mulher a Rosinha, lembro como se fosse hoje, a Rosinha, mulher do Alaor, ajudava na igreja, comprou biscoito, comprou um bocado de coisas pra nois comer na estrada, e no outro dia de manhã eles nos botaram no ônibus e eu vim me embora com meus filhos, chegamos aqui fomos pra Ceilandia pra casa do meu tio, aí mandaram eu pro Paranoá pra casa da minha irmã e eu to até hoje minha filha, graças a Deus, que eu tinha minha família aqui, criei meus filhos sozinha, cheguei aqui, botei tudo naquela creche medalha milagrosa e fui trabalhar em casa de família, graças a Deus ta tudo aí vivo, criado, tenho filha enfermeira, formada, minhas filhas tudo trabalha, meu filho esse agora por último agora um é dele o outro meu ele morreu, desobedeceu aí juntou com um incerto aí mataram ele, mas as meninas graças a Deus ta tudo aí, esse outro menino aí não era do meu casamento, mas graças a Deus meu companheiro é ele, e hoje eu tenho paz na minha vida

Lanna: Depois que a senhora veio pra cá teve paz né

Mulher 2: Tive! Na hora que eu virei as costas dele, graças a Deus, aí ta ele aí no meio do mundo aí, dizem que ele mora no meio dos matos dizem que parecendo bicho, não sei, o pai dele já morreu, o irmão só tinha um irmão, já morreu também, e ele eu não sei por onde anda não.

Lanna: Ah, que bom né

Mulher 3: Eu não ia querer nem saber

Mulher 2: Mas eu, eu sempre falo pras minhas meninas assim “filha, uma coisa que eu falo pra vocês, se um dia seu pai cair num hospital desses e precisar de mim eu vou ajudar, eu vou ajudar a cuidar dele, eu só não quero ele na minha casa, mas se ele precisar eu vou lá no hospital cuidar dele eu vou, eu vou porque o que Deus fez comigo, minha filha” aí eu cheguei aqui e eu fui pra igreja, a igreja me ensinou muito também, graças a Deus

Assistente de pesquisa: E foi um apoio bem forte né? A igreja

Mulher 2: E eu não gosto muito de recordar minha vida não, porque minha vida só foi sofrimento, só sofrimento, e eu não sou aposentada, não trabalho, mas também não passo necessidade porque minhas filhas trabalham e elas não deixa, né? E hoje eu vivo com a graça, eu faço o que eu quero, vou onde eu quero

Assistente de pesquisa: Hoje você é feliz

Mulher 2: Hoje eu sou feliz, não tenho lá minhas saúdes, mas sou feliz. Deito a hora que eu quero, levanto a hora que eu quero, faço o que eu quero

Assistente de pesquisa: Come o que quer, o quanto que quer

Mulher 2: Né? Pois é, hoje eu sou feliz

Mulher 3: Aprendeu, né?

Mulher 2: É, apanhei muito na vida, mas hoje graças a deus, eu tenho assim um pouco de mágoa da minha mãe, não vou dizer que eu não tenho, um pouco assim, eu quase nem vou lá na minha mãe, assim o povo fala “ah você fica tanto tempo sem ver sua mãe”

Mulher 3: Sua mãe ainda é viva?

Mulher 2: É, porque, quando foi pra mim casar eu não queria o casamento e ela foi e ela porque o véi meu sogro ele tinha lutado na guerra de lampião, ele era um véi assim ele tinha muito dinheiro, ele tinha fazenda tinha tudo, aí minha mãe foi e falou pra mim assim que eu falei que eu não ia casar que eu não queria que eu não queria e ela foi e falou assim que óia sebastião, meu primo que tava arrumando isso, óia Tião, o rapaz disse que queria casar com ela e eu disse que eu não quero e ela olhou pra mim e falou assim “ó, anel de ouro não é pra fucinho de porco” e eles tinham dinheiro né, e nois era de família pobre

Mulher 3: E o que que adiantou?

Mulher 2: Que anel de ouro não é pra fucinho de porco e se você não quiser casar com ele quer dizer então que você não é moça mais, que a moça que arranja casamento com filho de gente boa e não quer então não é mais moça.

Mulher 3: É, antigamente tinha essas coisas mesmo. Casava sem querer

Mulher 2: Aí eu falei que ia casar, chamei meu avô e falei “vô, vou casar” então vou botar o nome no cartório e vou casar e casei. Então com oito dias de casado que ele começou a judiar de mim, minha mãe “ai minha filha, volta pra casa” e eu falei “não, agora eu não vou voltar mais não e até hoje eu carrego no meu coração assim, se não fosse minha mãe eu não tinha casado

Mulher 3: Ah mas ela não te chamou pra tu voltar, mulher? Tava arrependida, ela viu que não era aquilo que ela queria

Assistente de pesquisa: Ela viu que ela errou, né?

Lanna: Sim

Mulher 3: É, aí te chamou, aí você foi na besteira e apanhou por mais tempo

Mulher 2: Nove anos

Mulher 1: E arrumou menino aí até umas hora

Mulher 3: É

Mulher 2: Nove anos

Mulher 1: Tem um dizer que diz que de homem ruim a gente só pari um

Mulher 2: Mas minha filha, na roça não tem remédio, se você não der pra ele, ele te mata

Mulher 1: Eu tenho dois filhos e tive dois maridos, só pari um de cada um, mas do primeiro eu apanhei até umas horas

Mulher 2: Escuta, né não, não tem remédio, se você não der pra ele ele te mata que cê tem é outro, quantas vezes ele já não fazia e apanhando na cara, fazendo e apanhando na cara, eu sofri demais mulher de Deus

Mulher 3: E não é uma ou duas, são milhares de mulheres que passam por isso

Assistente de pesquisa: É, a história infelizmente se repete

Mulher 2: Do dia que eu saí de lá, nunca mais que eu dormi com um homem na minha vida, nunca mais eu fechei a porta do meu quarto pra dormir com homem, nunca dormiu na minha cama

Lanna: Não teve mais coragem né

Mulher 2: Nunca

Mulher 3: É, a pessoa pega, a pessoa pega, eu sei lá

Mulher 2: Nunca mais

Lanna: Gente então vamo voltar um pouco

Mulher 2: E a minha vida foi essa, minha filha, só o sofrimento se eu for contar um a um

Mulher 3: E agora é só felicidade

Lanna e Assistente de pesquisa: É, agora é só felicidade

Mulher 3: Assim que é assim mesmo enfrentando as dificuldades, os problemas de saúde, né? Mas assim, sempre

Assistente de pesquisa: Sempre guerreira

Lanna: É, é só mais uma coisinha pra você superar, a gente não carrega nada que a gente não der conta né, a verdade é essa, a gente é muito forte, a senhora foi muito forte

Mulher 1: E esse negócio de saúde também, mas nessa idade quase todo mundo tem esses problema

Mulher 2: Se eu não tivesse passado por esse sofrimento

Assistente de pesquisa: É hoje em dia nem é mais um problema de idade, as pessoas no geral estão mais doentes

Lanna: Sim

Mulher 3: Por que mesmo passando por uma situação, um câncer na vida, mas ainda da graças a deus

Mulher 2: Eu sofri, sofri, sofri, nunca ensinei meus filhos a roubar, nem matar, nem desrespeitar ninguém, graças a deus, tudo que nois passava era com obediência

Mulher 1: Meu filho ta com quarenta anos foi fazer exame de vista e ele falou ó meu filho, eu vou passar você, mas você vai, você ta com problema de vista, ele já foi pro oculista já fez o óculos, ta com problema de vista já, ta com 44 anos, e ele não era menino de ficar doente, agora eu digo, ah mei filho, já ta os quarentinha aí

Lanna: Sim, gente agora a gente vai fazer uma coisa um pouco diferente, é.. a gente vai lembrar dos quadros que a gente pintou, das flores, e eu queria que vocês narrassem, o trajeto assim, o percurso do crescimento da flor, como se fosse a vida de vocês, por exemplo, é.. essa flor quando era sementinha, ela foi plantada ou ela foi por acaso? Esse brotinho cresceu triste ou feliz? Quando passou a ser botão? Como era esse botão de flor? Era um botão guerreiro que fazia de tudo para se manter firme? Era um botão que precisava da ajuda dos outros? Quando essa flor desabrochou? Qual foi a sensação que ela teve? É uma flor livre? Essa flor vive no jardim com outras flores ou é uma flor sozinha? É uma flor da noite é uma flor do dia? Você entendeu? Eu queria que você narrasse como que é o trajeto do crescimento da flor, é uma sementinha? Que aí a gente vai trabalhar dessa forma, é uma sementinha que germinou, brotou, saiu o brotinho, o brotinho cresceu virou um botãozinho de rosa? Não sei

Mulher 1: Se foi uma flor pintada

Lanna: Uma flor pintada, exatamente

Mulher 1: Eu acho que é melhor falar a verdade né, que não foi plantinha, foi uma flor

Mulher 3: Mas você começou pintando

Mulher 1: É, pintando, bordando, desenhando

Assistente de pesquisa: Pensa que o processo de começar e terminar a pintura, seria o mesmo de plantar, esperar crescer

Mulher 1: É uma flor, só que não é uma flor verdadeira

Assistente de pesquisa: Aí compara isso com a sua trajetória

Mulher 1: No meu a vê né, no meu a vê

Lanna: Sim, mas a gente vai usar só a ideia das flores que vocês escolheram, e aí trabalhando essa ideia eu queria que você narrasse o crescimento dessa flor só que narrando a sua vida, por exemplo, é..

Assistente de pesquisa: Quando você estava na barriga da sua mãe, você era a sementinha

Lanna: Isso, você era a sementinha, foi uma sementinha que era pra vir? Ou não era? Por exemplo, eu, se eu fosse fazer a atividade né, só um exemplo pra vocês fazerem depois, foi sei lá.. a flor que eu pinteí foi uma flor que ela veio do acaso, não era pra ela ter vindo porque já tinha vindo uma florzinha antes que também foi do acaso, e aí acabou que germinou, é.. foi uma brotinho muito feliz muito bem cuidado, muito bem amparado pela mãe, o pai já não...

totalmente ausente, e... cresceu com alegrias e tristezas, virou um brotinho, é.. teve todo o suporte familiar, afetivo, de carinho, foi uma flor regada com muito sol, muito calor, muita água, cresceu e está se desenvolvendo, ainda não virei uma flor ainda não desabrochei, mas tô no caminho, seria mais ou menos assim, quer começar Mulher 1? Você que é toda criativa

Mulher 1: Ai meu deus, vou começar e não sei se vai sair certo

Lanna: Não tem certo nem errado, é a sua vida, só que sem ser da forma específica que a Mulher 2 falou, uma forma assim mais mais escondidinho? Igual eu falei aqui, ah eu vim por acaso, minha mãe não não tava planejando me ter, na verdade quando eu nasci ela se separou do meu pai, entende? Foi só uma comparação, aí u queria que vocês falassem desde a infância de vocês até hoje em dia, mas usando o crescimento da flor

Mulher 1: A minha foi mais ou menos assim como você tava comentando, só que eu fui muito bem cuidada com a minha mãe e meu pai junto, só que eu tinha outros irmãos de outro casamento aí eu já vim da segunda família, aí já tinha um irmão maior né, mas aí eu nasci e nasceu dois irmão depois nasceu eu depois nasceu outra irmãzinha minha e depois nasceu outro menino, aí quando nasceu esse outro menino a minha mãe adoeceu só que eu já tava grandinha mas só que cuidando dos meus irmãos né, aí minha mãe adoeceu meu irmão que veio na na coisa dela ele também ficou meio doentinho, aí ele não durou muito, ele faleceu, aí ficou minha mãe doente muito tempo e ninguém sabia o que que ela tinha, então naquela época eu ainda não sabia muito bem das coisas o que que era doença, o que que ela tinha o que que não tinha, e meu pai vendia na feira de alagoinhas e as vezes ele ia na segunda só voltava na sexta ou na quinta, aí a gente ficava em casa eu, meu irmão menor e esses dois maior que era homem do outro casamento

Lanna: Só que Mulher 1, eu vou precisar, porque senão não vai dar tempo de todo mundo falar, porque eu marquei 40 minutos

Mulher 1: É

Lanna: É, tem que ser um pouco mais objetivo assim, mas acho que você também podia falar de uma forma um pouco mais... é..

Mulher 1: Da flor

Lanna: É, falando da flor mesmo, foi uma sementinha que não era pra vir,

Mulher 1: Pois é

Lanna: E aí veio

Mulher 1: Pois é, aí veio né, cresceu

Lanna: Cresceu feliz ou triste?

Mulher 1: Feliz

Lanna: Feliz

Mulher 1: Até um certo tempo, né. Aí depois

Lanna: Aí quando já era adolescente, um brotinho

Assistente de pesquisa: Aí virou uma tempestade né

Mulher 1: Começou a tempestade

Mulher 3: O sofrimento

Mulher 1: E eu trabalhava em casa de família, aí piorou né, depois ainda veio um marido ruim, com um filho, aí o que desabrochou foi só

Assistente de pesquisa: Foi um momento que a flor ficou bem triste

Mulher 1: A flor murchou e aí perdi todos, como é que diz, todos

Mulher 3: As pétalas

Mulher 1: É... mas depois foi vindo outras coisas melhor, fui crescendo mais tomando mais juízo de tudo e melhorando a minha vida, por que você sabe quando a gente, quando não tem tu vai tu mesmo né, eu comecei e era eu mesmo comecei a arrumar serviço pra mim fazer, me virar pra mim comer e me sustentar e sustentar meu filho, quem não tem tu vai tu mesmo

Lanna: E hoje, como que é essa flor?

Mulher 1: Não, hoje eu to bem, maravilhosa

Assistente de pesquisa: Radiante

Mulher 1: É hoje eu to bem, e meus filhos já estão os dois grande, a minha neta já ta com treze anos, eu faço o que eu posso por eles, né

Mulher 3: Hoje já ta madeira né

Mulher 1: E vivo a minha vida também, tranquila, vou pra onde eu quero, chego quando eu quero, como o que eu quero, durmo e acordo a hora que eu quero

Mulher 3: Tem uns filhos bons

Mulher 1: Tenho uns filhos bons, graças a deus, todos os dois são trabalhador, nenhum deu pro que não presta porque eu criei sozinha também, e to ajudando a criar minha neta, e aí

Assistente de pesquisa: Hoje em dia é uma flor que brilha

Mulher 3: É uma flor desabrochada

Lanna: É uma flor da água

Mulher 1: É! Uma flor da água, uma flor desabrochada hoje eu faço o que eu quero

Assistente de pesquisa: E segue seu curso

Mulher 1: Até meu filho fala assim ó, enquanto minha mãe estiver se virando deixa ela se virar aí do jeito dela, e quando ela não puder mais

Lanna: Aí cuida né

Mulher 1: Aí a gente vai acolher. A vida é dura minha filha mas... vocês que estão novinha ainda não ainda da né, como que é as coisas

Mulher 3: E são tempos melhores, né, são tempos melhores. Hoje em dia as pessoas tem mais facilidade, as pessoas falam assim “ah é uma violência, é uma violência” hoje em dia eu escuto isso, mas sempre teve, se você vai olhar desde o começo das histórias a juventude sempre teve o tempo dela, e é sempre mais difícil para aqueles mais velhos, né? São sempre a juventude, a geração, é sempre “ai mas hoje em dia” eu lembro no meu tempo quando a gente começou a aparecer a calça comprida né, morava na roça as mulheres começava a usar calça, pra que, não podia não, e nem saia justa, né? Não vestia, calça, nada disso, só se fosse embaixo do vestido pra montar no cavalo, mas é assim, cada geração é uma dificuldade pros pais

Assistente de pesquisa: É mesmo

Lanna: Verdade, narra a sua flor

Mulher 3: Eu sou a quinta de 7 filhos, a minha mãe era viúva quando casou com o meu pai, meu pai era viúvo, minha mãe já tinha um filho, já tinha morrido duas filhas dela que ela teve com o meu pai e ai eles só tinham meninos mais velhos e assim eram 4 homens e 3 mulheres, e a gente sempre foi muito cuidada, naquele tempo tinha esses cuidados com as meninas, a gente ficava muito em casa minha mãe não gostava que a gente saia e ai ela gostava de ficar em casa ou ir pra roça. Eu era a do meio e o meu pai já tinha uma filha quando casou com a minha mãe, mas era aquela coisa a gente sempre foi muito próxima. Minha casa vivia cheia de gente, desde que nasci, assim que eu fui crescendo e percebendo as coisas, pequeninha eu lembro da minha casa sempre cheia, meus primos, eram as vizinhas dos anos 60 que veio pra Brasília e deixava os filhos lá com a minha mãe. Então era aquele monte de brincadeira, brincava muito. E tinha assim minha vó que era a coisa mais linda do mundo, um doce, era uma gracinha com a gente e o pai do meu pai né, a minha mãe ficou órfã de pai muito cedo e de mãe mais tarde também. Mas assim, minha vó era uma pessoa muito linda e tinha minhas tias também, que eu lembro que minha mãe gosta de bater, batia na gente! Na hora que ela vinha a gente corria pra casa da minha vó e minhas tias também, porque elas não deixava.

Assistente de pesquisa: Foram umas flores muito mimadas né

Mulher 3: Tinha muito carinho por parte dos tios, assim eu era afilhada, ela se foi eu era muito pequenas, mas eu lembro assim que ela era tão carinhosa, meu padrinho era uma amor de pessoa e os irmãos do meu pai era assim, a gente era muito ligada com a família do meu pai e era assim todo mundo muito acolhedor.

Assistente de pesquisa: Flores bem floridas

Mulher 3: Mas assim, eu fui crescendo, os meninos iam trabalhar na roça e as meninas ficavam em casa e tinham que tomar conta das coisas, mas enfim, eu sempre fui muito... a gente sempre foi muito, a gente não teve esse sofrimento graças a Deus. Eu também nunca me casei, sempre fui solteira, mas esse problema aí, esse sofrimento, graças a Deus eu não passei.

Lanna: Uhum, poupou muita dor.

Mulher 3: Sim, poupei. Esse sofrimento do casamento é muito triste, quando eu fui namorar a primeira vez, já tava com 18 anos, bem esquisito. Eu tava falando que se fosse hoje em dia, todo mundo ia dizer que eu era lésbica, porque eu não gostava de namorar, ficava com medo dos homis. Mas assim, eu nunca fui fechada sempre tive amigas e amigos, dançava eu e minha irmã ia muito pra festa, meu pai levava. Eu nunca gostei muito de dançar, então eu ficava olhando o povo dançar e no outro dia eu ficava imitando aquelas danças engraçadas, minha mãe amava. Mas é isso não gostava de ir lá e dançar.

Eu era grande quando comecei a estudar, porque a gente morava na roça, ai vim e fiquei quando nós mudamos da roça, fomos expulsos várias vezes por causa das terras, da vilage de terras, muita gente safada, muita gente ruim.

Assistente de pesquisa: E onde era isso?

Mulher 3: Lá no Tocantins, no Piauí, era nesse tempo que a gente tinha as casas cheio de gente, os parente, era lindo. A gente foi pra Araguaiana lá no Tocantins, que lá tinha uns parente do meu, um tio disse ‘vem pra cá aqui é muito bom’ e a gente foi, nesse tempo minha mãe quase morre, ela ficou muito doente, uma febre.

Lanna: Vocês não tinham nem vacina né? Não tomaram vacina nenhuma.

Mulher 3: Tinha não, isso foi em 64, anos depois que foi aparecer as vacinas da varíola né, não sei o que lá, do sarampo. Sarampo e catapora a gente teve no Piauí, essa coqueluche chamava Coqueluche a gente foi ter lá no Goiás, muito forte. Eu e o meu irmão mais novo do que eu a gente só dizia que tinha porque passava por meio dos outros e ai aparecia as bolhas, mas a gente não teve febre, acordava com o corpo todo cheio de caroço de manhã e é assim, mas toda vida a gente foi assim, essa coisa de ta junto. Então eu fiquei e fui estudar fora, por a gente morava na roça e ai eu fui pra uma cidadezinha e comecei a estudar e ai quando eu vim pra cá, cheguei aqui em Brasília com 21 anos e foi uma luta pra acostumar aqui, eu sofria com saudade de lá e também nunca mais pisei lá.

Lanna: E hoje, como que é a flor Mulher 3?

Mulher 3: Eu agradeço a Deus, muito.

Lanna: Realizada? Conseguiu fazer sua faculdade

Mulher 3: Sim, eu consegui fazer faculdade depois dos 50, mas dei aula muitos anos aqui nesse CEDEP, professora de pré-escola. Fiz projetos, alfabetização de jovens e adultos comecei em 89, ainda no Paranoá velho, mas assim eu sou uma pessoa muito amorosa, eu gosto de dar carinho, não gosto de confusão, eu detesto briga, detesto discussão.

Lanna: Sim.

Mulher 3: Mas eu sou muito na minha e é assim eu acho que sou uma pessoa confusa e indecisa nas coisas, é tanto que nem a minha carteira de motorista eu tirei de medo do trânsito, morro de medo de trânsito, agora a única coisa que me arrependo na vida de não ter feito é tirar a carteira. Mas quando eu digo isso, depois eu penso que Deus deve ter me livrado, o tanto de gente que morre em acidente porque não é cuidadoso, ai Deus me livrou, porque eu já podia ter morrido ou matado alguém por aí, ou atropelado, né?

Lanna: Sim, nada é por acaso

Mulher 3: Na época lá, eu era católica né, não tinha missa porque eu morava na roça e então eu rezava os terços em casa, mas cheguei aqui, na verdade antes de sair de Araguaina eu comecei a participar do grupo de jovens, da igreja.

Lanna: E ai quando você mudou pra cá, ficou mais forte?

Mulher 3: Sim, quando eu mudei pra Planaltina, um ano ou dois anos lá, eu comecei a participar lá no Santa Rita, um grupo de jovens em Planaltina, um grupo muito grande, muito jovem, então eu fui amadurecendo mais. Depois eu vim pro Paranoá e me desvinculei porque era muito longe, mas a minha mãe continuou lá na congregação de Planaltina e minha mãe é assim muito nervosa, ele teve problemas sérios de nervoso, desde menina eu lembro dela em confusão por causa de nervosismos. Mas assim ela é também uma pessoa muito alegre, aquela coisa, aquela alegria de estar sempre lutando.

A gente veio pro Paranoá porque o meu pai também é essa tranquilidade, nunca fica puto, sempre foi um pai muito presente para os filhos. E se você ver, até hoje quando a pessoa fica velha, ela vai ficando chata, insuportável, mas ele não, com 95 anos ele têm os bisnetos, os meninos correndo e ele ta nem aí, não reclama, não bate, nunca foi de bater.

Lanna: Zen, super bonzinho

Mulher 3: Tá lá aquele avô que todo mundo ama demais.

Lanna: Uma ótima referência de pai né, isso é muito difícil de ter. Então, bora finalizar com você falando como está essa flor hoje depois de tanto sofrimento, tanta luta.

Mulher 2: A minha flor mesmo foi muito boa, saia no tempo de criança, eu morava com os meus avô, e eles não deixavam ninguém triscar em mim, cresci ali.

Assistente de pesquisa: Você foi bem cuidada.

Mulher 2: Isso, bem cuidada. Eu ia ali na casa da minha mãe porque morava perto, mas meu avô não me deixava nem dormir lá. Eu era a netinha querida, então aí eu fiquei moça, gostava muito de ir pra festas, eu fiquei bem bonita assim, com a cintura bem fininha, morena dos cabelão, meu cabelo era grande de sentar em cima.

Lanna: Caraca...

Mulher 2: E aí eu gostava de ir pras festas, gostava de dançar, minha vó fazia sangue bom, eram 9 dias de festa.

Lanna: Caraca, Assistente de pesquisa também faz isso.

Assistente de pesquisa: É, eu também gosto de dançar.

Mulher 2: E aí depois disso, eu casei e eu tinha uma tia e ela embuchou, engravidou

Mulher 3: Sem casar né?

Mulher 2: Sim, sem casar e aí eu não podia ficar lá ficar na casa do meu avô porque minha tia tava buchuda e aí eu fui lá pra casa da minha mãe e casei. E aí minha flor caiu

Assistente de pesquisa: Deu uma murchada

Lanna: Não a flor, caiu no chão

Mulher 2: É, foi pisada, mas com o tempo eu comecei a orar, orar, orar e o hoje eu vivo a mesma flor de antigamente só mudou o pessoal e dançar, mas to viva.

Assistente de pesquisa: E brilhando

Mulher 2: Sim, a mesma coisa.

Lanna: E cheia de gente que te ama e te dá carinho.

Mulher 2: É mesmo, tem muito, todo lugar que eu vou tem gente muito amorosa, quando eu entro na igreja e vejo aqueles meninos eu fico até com vergonha, aqueles jovens tudo me abraçando as meninhas tão carinhosas, e eu fico muito feliz, muito feliz mesmo. Hoje eu sou feliz, não é dinheiro que faz a gente feliz não, o que faz a gente feliz é a gente mesmo e Deus e saber conviver com as pessoas.

Lanna: E se amar! Se amar é muito importante.

Mulher 2: Pois é, hoje eu sou feliz.

Lanna: Ai que bom.

ANEXO II

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa "*A pintura como ferramenta para a trajetória de vida de mulheres periféricas residentes no Paranoá - DF*" de responsabilidade de *Lanna Ariel Pimenta*, aluno(a) de graduação da *Universidade de Brasília*. O objetivo desta pesquisa é *identificar aspectos da constituição identitária de mulheres que residem em bairros periféricos aos grandes centros para compreender a inserção dos desejos, afetos e autoestima dessas mulheres em seus grupos sociais de pertença*.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo(a). Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas de gravação ou filmagem, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio entrevistas e realização de palestras com gravação de áudio e vídeo. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone *61-99324 7796* ou pelo e-mail *lannaariel.m@gmail.com*.

Este projeto foi revisado e aprovado pela orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na disciplina *Diplomação em Artes Plásticas - Licenciatura*.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Nome do(a) participante

Assinatura do (a) participante

pesquisador (a)

Assinatura do (a)

Brasília, ____ de _____ de _____

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Dolores Pinto. **Escola, Criança Favelada E Processos De Socialização: Estudo Sobre Padrões De Socialização No Ambiente Familiar E Na Escola.** Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) – Pontifca Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2009.

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito de uma vida justa.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2017.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte.** São Paulo: Editora Perspectiva. 4ed., 2ª tiragem.1991.

BARBOSA, Ana Mae. Educação e Desenvolvimento Cultural e Artístico. In: **Educação e Realidade.** Porto Alegre, v. 2, n.2, p. 9-17, jul/dez,1995.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, 16ª edição.

BRASIL. **Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Presidência da República, Brasília, 20 dez. 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: outubro de 2018.

BRASIL. **Programa Universidade para Todos (ProUni).** Disponível em: <[COELHO, Débora de Moraes. **Intervenção em grupo: construindo rodas de conversa.** Associação Brasileira de Psicologia Social: 2000. Disponível em: <\[http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_55.pdf\]\(http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_55.pdf\)>. Acesso em: outubro de 2018.](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=205&Itemid=298&msg=1&l=aW5kZXgucGhwP29wdGlvbj1jb21fY29udGVudCZ2aWV3PWJ1c2NhZ2VyYWwmSXRlbWlkPTE2NCZwYXJhbXNbc2VhcmNoX3JlbGV2YW5jZV09UHJvVW5pJmQ9cyZwYXJhbXNbc2ZGVdPSZwYXJhbXNbc2YXRlXT0mcGFyYW1zW2NhdklXT0mcGFyYW1zW3NIYXJjaF9tZXRob2RdPWFsbCZwYXJhbXNbb3JkXT1wcg==>. Acesso em: novembro de 2018.</p>
</div>
<div data-bbox=)

CORRÊA, Roberto Lobato. **A periferia Urbana,** 1986. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/viewFile/12551/11859>>. Acesso em maio, 2017.

COUTINHO, Andréa Senra. A produção artística das mulheres e suas implicações no ensino de arte. In: V. Trindade, N. Trindade & A.A. Candeias (Orgs.). **A Unicidade do Conhecimento.** Évora: Universidade de Évora, 2007.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periférico: Cultura e Política na Periferia de São Paulo**. 2013. 309 f. Tese de doutorado em Sociologia. Departamento de Sociologia. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro:DP&A, 3.ed. 1999.

_____. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 112

JESUS, Leila Maria de. **A repercussão da atuação de educadores/as populares do CEDEP/UNB na escola pública do Paranoá-DF**. Dissertação de Mestrado. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. **Entrevista Psicológica: O caminho para aceder ao outro**. Porto, Portugal: 2005. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0031.PDF>>. Acesso em: outubro de 2018.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 1987.

OSTROWER, Fayga. **Universos da Arte**. 9ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Campus. 1996.

REIS, Renato Hilário dos. **A constituição do ser humano: amor-poder-saber na educação/alfabetização de jovens e adultos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

_____. **A constituição do sujeito político, epistemológico e amoroso na alfabetização de jovens e adultos**. Tese de Doutorado - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2000.

SANTOS, B.S. & CHAUI, M. **Direitos humanos, democracia e desenvolvimento**. São Paulo: Cortez, 2013.

SETUBAL, Maria Alice. **Histórias de vida e perspectivas de futuro das mulheres da periferia**. Nexo Jornal [página da web]. 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2017/Hist%C3%B3rias-de-vida-e-perspectivas-de-futuro-das-mulheres-da-periferia>>. Acesso agosto de 2018.